



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MAYRIS DA PAZ LIMA

**ESCRITA LIBERTÁRIA
NO ESTUDO IMANENTE**

**MACEIÓ, AL
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MAYRIS DA PAZ LIMA

Escrita Libertária no Estudo Imanente

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa Dr Sandra Regina Paz da Silva
Coorientador: Prof. Dr. Ciro Bezerra

MACEIÓ, AL
2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial Lúcia Lima do Nascimento -
CEDU

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino - CRB4: 1459

L732e Lima, Mayris da Paz.

Escrita libertária no estudo imanente. / Mayris da Paz Lima. Maceió,
2024.

65 f.

Orientadora: Sandra Regina Paz da Silva.

Coorientador: Ciro Bezerra

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro
de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

Bibliografia: p.64-65.

1. Escrever. 2. Escrita libertária. 3. Estudo imanente. 4. Atores pedagógicos.
5. Estudioso. I. Título.

CDU: 37.01

MAYRIS DA PAZ LIMA

“ESCRITA LIBERTÁRIA NO ESTUDO IMANENTE”

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 06 DE DEZEMBRO DE 2024.
Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Paz (CEDU/UFAL)**

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente



SANDRA REGINA PAZ DA SILVA
Data: 12/12/2024 18:01:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. SANDRA REGINA PAZ (CEDU/UFAL)

Documento assinado digitalmente



SUZANA MARIA BARRIOS LUIS
Data: 11/12/2024 10:50:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. SUZANA MARIA BARRIOS LUIS (CEDU/UFAL)

Documento assinado digitalmente



RITA DE CASSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA
Data: 11/12/2024 10:38:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Profa. Dra. RITA DE CASSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA
(FALE/UFAL)**

Documento assinado digitalmente



ISABELLA GIORDANO BEZERRA
Data: 12/12/2024 16:26:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ms. ISABELLA GIORDANO BEZERRA (UFPE)

MACEIÓ 2024

Para Heitor, o mais precioso resultado de todas as conexões e harmonia da minha existência.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso é um momento de grande satisfação e representa a culminação de uma etapa importante em minha vida acadêmica. Gostaria de expressar minha eterna gratidão a todos que contribuíram, de alguma forma, para a concretização deste trabalho.

Aos meus pais, Luciene e Adelson, pelo amor incondicional, apoio e incentivo, em todos os momentos, e por serem meu maior suporte no que concerne aos cuidados concedidos ao meu pequeno Heitor. Sem vocês, este trabalho não teria se tornado realidade.

Aos meus irmãos por sempre estarem ao meu lado e me ajudarem nessa jornada.

Agradeço à minha amiga e comadre Fernanda Cardoso, por ser uma mulher de mente brilhante e criativa, que sempre me convidou a correr riscos e ousar, diante das dúvidas e incertezas encontradas em nosso caminho.

Agradeço, em especial, ao meu amigo e professor Ciro Bezerra por me apresentar um mundo repleto de significados e linguagens extraordinárias: o mundo da escrita libertária no estudo imanente. Foi por meio de suas reflexões teóricas, filosóficas, geográficas, literárias, pedagógicas e metodológicas que consegui descortinar muitos estudos imanentes possíveis.

À minha orientadora, Sandra Regina, pela paciência, dedicação e orientações imprescindíveis para o desenvolvimento deste TCC. Seus ensinamentos e conselhos foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos professores do curso de Pedagogia, que compartilharam seus conhecimentos e contribuíram significativamente para minha formação acadêmica e profissional.

Aos meus colegas de curso e do Grupo de Estudo, pela amizade, cooperação e momentos de descontração que tornaram esta caminhada mais leve e prazerosa. Aos amigos e familiares, que, direta ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram durante esta trajetória.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. A cada um de vocês, o meu mais sincero obrigada!

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam fâscas e lascas como aços espalhados.

(LISPECTOR, Clarice, 1984, p. 25).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem dois objetivos: apresentar uma reflexão crítica sobre a escrita libertária no estudo imanente e o método do estudo imanente como proposta que incorpora a escrita libertária como princípio e fio condutor dos estudos bibliográficos. A escrita é incorporada como prioridade ontológica do estudo imanente em dois sentidos. Primeiro, porque é por onde o estudo inicia sem perder tempo; segundo, porque é no escrever que o estudo ganha corpo e se conduz, disciplina-se e fecunda-se a si mesmo, isto é, a escrita fecunda o estudo e não o contrário. Em função desta prioridade ontológica da escrita, no método do estudo imanente, apresentamos uma breve relação entre a escrita e a formação social. Refletimos, também, sobre a escrituração na universidade, pois a escrita é indissociável da formação de novos pesquisadores. Para tanto, apoiamos-nos nos estudos de Antunes (2005), de Brito (2015), de Marques (1998) e de Bezerra (2019 a, b, c). Nessa linha de proposições, realizamos breve revisão bibliográfica, objetivando mostrar a contribuição da escrita para a conquista da autonomia, da autoria e da formação de si no estudo imanente. Na sequência, apresentamos o estudo imanente como método de estudo, que está sendo formulado no Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo, Formação Humana (GEPSTUFAL), de 2011 até hoje e como ele contribui na assimilação das linguagens das ciências (humanas, naturais, exatas, entre outras) e na apropriação de conhecimentos das disciplinas dessas ciências, oferecidas na educação básica e superior. Por fim, evidenciamos o que é o combustível do Programa de Estudo “Formação de Si”, formulado em 2013 (Bezerra, 2019c). Programa que nunca deixou de orientar, de alimentar e de renovar os projetos de pesquisa, ensino e extensão do Grupo de Estudo. O método de estudo imanente não segue as regras do ensino bancário, invade o inconsciente das pessoas em formação, com a escrita de si, em si, por si e para si, realizada no estudo imanente dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos. É esta escrita libertária, no estudo imanente, que se enraíza pedagógica e rizomaticamente no nosso interior, que consegue tocar alguns espaços vivos do corpo: alma, mente, memória. Sinto impacto positivo do método no meu desempenho, na conquista da maioria intelectual e na criatividade profissional.

Palavras-chave: escrever, escrita libertária, estudo imanente, atores pedagógicos, estudioso.

ABSTRACT

This Thesis has two objectives: to present a critical reflection on libertarian writing within immanent study and to explore the method of immanent study as a proposal that incorporates libertarian writing as a principle and guiding thread for bibliographic studies. Writing is incorporated as the ontological priority of immanent study in two senses. First, because it is where the study begins, without delay; second, because it is through writing that the study gains structure, progresses, disciplines itself, and fertilizes itself—that is, writing fertilizes the study, not the other way around. Given this ontological priority of writing in the method of immanent study, we present a brief relationship between writing and social formation. We also reflect on academic writing at the university, as writing is inseparable from the training of new researchers. For this, we draw on the studies of Irandé Antunes (2005), Brito (2015), Marques (1998), and Bezerra (2019a, b, c). In this line of propositions, we conducted a brief bibliographic review, aiming to demonstrate the contribution of writing to the achievement of autonomy, authorship, and self-formation in immanent study. Subsequently, we present immanent study as a method of study, developed by the Research Group on the Sociology of Pedagogical Work, Curriculum, and Human Formation (GEPSTUFAL) from 2011 to the present, and how it contributes to the assimilation of the languages of the sciences (human, natural, exact, among others) and the appropriation of knowledge from the disciplines of these sciences, offered in basic and higher education. Finally, we highlight the driving force behind the "Formation of the Self" Study Program, developed in 2013 (BEZERRA, 2019c). This program has consistently guided, nourished, and renewed the research, teaching, and extension projects of the Research Group. The method of immanent study does not follow the rules of the banking model of education. It penetrates the unconscious of those in formation through self-writing—writing of oneself, in oneself, by oneself, and for oneself—carried out in the immanent study of academic works and textbooks. It is this libertarian writing within immanent study, which pedagogically and rhizomatically takes root within us, that manages to reach some living spaces of the body: soul, mind, and memory. I feel the positive impact of this method on my performance, in achieving intellectual maturity, and in professional creativity.

Keywords: writing, libertarian writing, immanent study, pedagogical actors, scholar.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1.À SOMBRA DA ESCRITA: UMA REFLEXÃO.....	23
2.CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDIOSOS (AS) DA ESCRITA NA FORMULAÇÃO DE UM CONCEITO PERTINENTE E OPERANTE	29
3.ESCRITA NO ESTUDO IMANENTE.....	35
4.ESCREVER NO FUROR DAS POTÊNCIAS LIBERTÁRIAS DA ESCRITA DE SI, EM SI, POR SI E PARA SI, NO ESTUDO IMANENTE DAS REFERÊNCIAS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Quando uma pessoa escreve é porque há motivos e razões que a levaram a escrever. Motivos e razões que a tocaram tão profundamente que a única forma possível de restabelecer a tranquilidade da alma e dissipar o desconforto e o mal-estar é escrever. De qualquer forma, ninguém escreve por nada. Nada não move nada. Pode ser provocada pela força latente da curiosidade epistemológica, pode ser movida por disposições psicológicas e subjetivas do hábito de escrever. Mas há de ter uma força, interna e/ou externa, que encoraje as pessoas a escreverem; por exemplo: o estudo, a investigação ou a pesquisa de um tema e um objeto, dentro de uma imensidão de conteúdos, problemas, teses. A possibilidade de escrever abarca um vasto mundo.

Considerando esses aspectos abrangentes da escrita em geral, faz-se necessário enfocar, aqui, a especificidade da escrita em nossa trajetória acadêmica, para que se compreenda a relevância da temática da escrita libertária no estudo imanente em nossa formação, na formação de si. É importante deixar clara a conexão entre escrita e estudo, que é o tema deste nosso Trabalho de Conclusão de Curso. Enfim, pretende-se esclarecer como a escrita libertária no estudo imanente está imbricada e é indissociável da minha experiência pessoal com a formação de si. Como a escrita libertária, no estudo imanente, reconfigurou, de uma forma profunda e radical, a minha personagem estudante e a minha personagem professora. Recriou estas duas personagens na personagem estudiosa.

Nesse sentido, preciso retornar às origens para pôr em evidência o desenvolvimento psicopedagógico que vem ocorrendo em minha formação desde então. A transfiguração do meu ser começou no ano de 2017, especificamente no segundo período do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (Ufal), durante a disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação.

Retorno a este período, marcado em memórias e anotações, porque foi nele que despertei para o que hoje estudo e compartilho. Momento que provocou uma profunda reviravolta na minha formação. Ele me fez tomar consciência de que a formação de si pressupõe o comprometimento com os estudos. Por sua vez, o estudo se materializa na escrita e na leitura. Mas o método do estudo imanente prioriza a escrita nesta formação. Esta consciência me fez firmar um pacto comigo mesma, sobre a responsabilidade de estudar. Esta consciência, compromisso, responsabilidade e pacto comigo mesma, sobre os meus estudos, decorreram de um fato: estudar é uma atividade que esculpe a existência e aguça, desperta e reelabora as percepções e sentidos humanos, na medida em que estudamos

escrevendo e pensamos no que escrevemos.

As atividades do estudo fazem com que nos ocupemos de nós mesmos pelo estudo, com que cuidemos de nós nas atividades do estudo, que nos ocupemos e cuidemos, simultaneamente, dos espaçosvivos¹ de nossos corpos: alma, mente, memória. Mas também da exterioridade do corpo: do espaçovivo onde realizamos os estudos em escala pessoal.

Uma geografia do estudo reivindica e luta por um lugar para existir entre diversas outras ocupações cotidianas. As atividades do estudo disputam com outras atividades o território doméstico e o território citadino. Por exemplo, a construção, em terras urbanas e rurais, de escolas e universidades, e a aplicação dos recursos públicos necessários à manutenção do Sistema Nacional de Ensino Bancário². Depois, há a luta pelo tempo livre para ocuparmo-nos, efetivamente, com as atividades do estudo, já que só se estuda em tempo livre. Ainda não é possível estudar nos locais onde se trabalha, não há bibliotecas em empresas.

Mesmo muito dedicada à formação de si, faltava-me algo que tornasse esta formação regular, sistemática e metódica, no âmbito da universidade. E o que era? Hoje sei responder: escrever. Incorporar a atividade de escrever como modo de vida, como necessária à minha existência. Por quê? Porque o trabalho da escrita é uma atividade humana sensível, singular, ela atua nos espaçosvivos do meu corpo: na alma, na mente, na memória. Não há outra atividade que os humanos tenham inventado que possua essa especificidade.

Se, como diz Marques (2006, p.11): “o maior desafio da escrita é o começá-la; no seu todo e em cada uma de suas partes”; então, a escrita libertária no método do estudo imanente, atende plenamente a esse desafio da escrita.

¹ Milton Santos define território como um espaço socialmente apropriado, onde as relações de poder e a organização do espaço desempenham papéis centrais. Para ele, o território não é apenas uma área física ou geográfica, mas também um lugar marcado pela dinâmica de práticas sociais, culturais e econômicas. Ele enfatiza que o território é formado e transformado por essas práticas, que estão em constante interação com as estruturas de poder que o moldam. Nesse sentido, ele postula que não existe território, mas sim território usado, pois é a vida que os homens emprestam à natureza que cria paisagens humanas. Nesse caminhar, se isso acontece na natureza, ou seja, tudo aquilo que se constrói acima do solo da terra com a mão humana, inteligência e imaginação é território usado, é espaço social, então compreendemos que as paisagens têm em si o espírito humano. Nessa linha de proposições, grafamos “espaçovivos” juntos, pois compreendemos que tudo que é humano é um desdobramento, é uma criação elaborada entre o homem e a natureza. E isso acontece nos textos, livros e trabalhos acadêmicos.

² O Sistema Nacional de Ensino refere-se à estrutura organizacional e normativa que articula as diferentes esferas de governo (União, estados, Distrito Federal e municípios) para garantir a oferta, a gestão e a qualidade da educação no Brasil. Embora a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) estabeleçam princípios para a educação no país, o Sistema Nacional de Ensino busca promover uma articulação mais efetiva entre os diferentes níveis e modalidades de ensino, assegurando o direito à educação para todos.

O exercício espiritual da escrita, no estudo imanente, inicia-se no primeiro momento, no Diálogo Crítico-Criativo. Diálogo da pessoa em formação com o autor do trabalho acadêmico (artigos, livros, teses, dissertações, monografias). Apesar de iniciar no Diálogo Crítico-Criativo, as potências libertárias³ da escrita de si, em si, por si e para si, no estudo imanente, das referências bibliográficas, atravessam todas as atividades do estudo imanente, porque esta potência é transversal. Então essas potências atravessam [1] o Diálogo Crítico-Criativo, [2] o Mapa da Geografia Textual, [3] a Interpretação Compreensiva e [4] o Diário do Estudo Autoetnográfico, Autocrítico e Autoanalítico.

Escrita ou reescrita de si realizada com inteligência humana na folha em branco, no papel pautado do caderno de estudo, com e sobre os escritores e/ou autores em estudo; escrita e reescrita em si realizada com inteligência humana nos espaços vivos do corpo: na alma, na mente e na memória, em toda interioridade do corpo; escrita e reescrita por si realizada com inteligência humana e porque os efeitos virtuosos da escrita ocorre no corpo de quem escreve, não é com a visão e audição que ocorre a grande revolução ou transvaloração de todos os valores, mas escrevendo com as mãos, esculpindo artesanalmente as potências latentes e libertárias da interioridade do corpo; é escrevendo por si e realizada com a inteligência humana, que se conquista a autonomia, a igualdade e a maioria intelectual, a capacidade cognitiva de escrever a própria palavra, entre tantas outras conquistas. Escrita e reescrita para si e realizada com inteligência humana, porque o único beneficiado com a arte de viver do estudo e da reescrita imanente são as próprias pessoas que estudam, escrevem e reescrevem, de forma regular, sistemática e metódica. Este modo de viver é uma conquista diária, que cada pessoa tem que lutar para conseguir realizar, não ocorre espontaneamente e naturalmente, não se conquista com o direito e, como direito, nunca se conquistará, é na árdua luta contra a cultura bancária que se consegue revivescer na cultura de si.⁴

³ Será elucidado nos capítulos III e IV.

⁴ A ideia de cultura de si, baseada nas reflexões de Michel Foucault, está ligada ao conceito de cuidado de si (*cura sui*), que ele explora em seus últimos trabalhos, principalmente nos volumes de *"História da Sexualidade" (O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si)*. Essa noção se refere a práticas e técnicas que os indivíduos utilizam para cuidar de si mesmos, moldar suas vidas e construir subjetividades, dentro de um contexto ético. Foucault analisa como, em diferentes períodos históricos, as pessoas desenvolveram tecnologias de si, ou seja, práticas e reflexões que permitem ao indivíduo transformar-se e construir a própria identidade. A cultura de si está associada a esse processo contínuo de trabalhar sobre si mesmo, voltando-se para o autoconhecimento, a disciplina e o desenvolvimento de uma vida ética.

Portanto, no método do estudo imanente a escrita é libertária, em comparação com a forma como a escrita é concebida e funciona no âmbito da cultura bancária em seus dispositivos concretos: no currículo bancário, na formação bancária e na avaliação bancária de desempenho dos atores pedagógicos. A prioridade ontológica da pedagogia bancária não é o estudo, mas o ensino; não é a escrita, mas a leitura; não é o metabolismo do corpo por inteiro, mas o metabolismo da visão e da audição.

O conceito de educação bancária foi elaborado por Paulo Freire em sua obra *"Pedagogia do Oprimido"* (1968) e se refere a um modelo tradicional de educação caracterizado pela transmissão mecânica e passiva de conhecimento do professor para o aluno. Freire usa o termo bancária como uma metáfora para descrever uma prática educacional em que o professor deposita informações nos alunos, como se fossem contas bancárias vazias.

Nesse caminhar, a diferença entre a cultura de si — incorporada e fortalecida na escrita libertária do estudo imanente — e a cultura bancária — incorporada às didáticas de ensino-aprendizagem na transferência e transmissão de saberes e disciplinamento dos comportamentos pelos gestores “democráticos” e professores nas salas de aula das escolas e universidades — é absolutamente brutal e gigantesca.

Além de prioridade ontológica, importa postular que a escrita se territorializa e/ou especializa-se nos quatro momentos ou atividades do estudo imanente, como menciona Bezerra (2019). Isso porque só escrevendo se escreve. Não se trata de preparar-se para o escrever. O ato de escrever é ato inaugural. Começo dos começos. Início de todo e qualquer estudo regular, sistemático e metódico.

Nessa linha de proposições, para engatar-se e engajar-se à sério e fecundamente na escrita, é preciso muitas vezes um empurrão. E foi por meio da escrita libertária no estudo imanente que me vinculei, aderi e comprometi a minha trajetória de vida universitária. A dinâmica desta escrita e deste método conseguiram provocar uma catarse na minha existência. Foi por meio da escrita libertária no estudo imanente que tive esse empurrão. Devo-lhes confessar que a minha entrega não foi por livre e espontânea vontade, mas por lutas, pressões e tensões. Enquanto tal escrita exige a completa entrega do corpo e da alma, há inúmeras demandas que nos exigem tempo e dedicação: a necessidade de trabalhar, as exigências de leitura de inúmeros trabalhos pelas diferentes disciplinas universitárias, o tempo de ida e vinda da universidade para Cajueiro. Com essas necessidades, demandas e tempo de deslocamento não era fácil trilhar o caminho do estudo exigido pela escrita libertária no estudo imanente.

Nesse caminhar, o programa de estudo da disciplina Fundamentos Sociológicos da Educação, ministrada pelo professor Ciro Bezerra, exigia o estudo imanente de cada capítulo do livro *Introdução à Sociologia da Educação* de (Praxedes e Pillete, 2021). E essa exigência deixava todos muito agitados. Tal agitação se dava por conta da entrega desses estudos em escala pessoal, pois deveria ser efetuada antes de iniciar a aula de duração de 04 horas, que ocorria toda semana durante um semestre.

Foi no primeiro e segundo dia de aula que o professor nos apresentou a proposta da disciplina: como o estudo imanente dos capítulos deveria ser feito, usando os quatro momentos do método. Confesso que fazia tudo errado, mas dedicava todas as minhas horas livres e meus finais de semana para fazer o estudo imanente dos capítulos do livro. Debruçava-me na mesa da cozinha com meus lápis, borrachas e papéis pautados e tentava *imitar* o professor. Proveitosamente, fazia o mesmo para outras disciplinas.

“Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer” (Saint-Exupéry, 2009, p.93). Quando há esforço, há resultados provenientes do estudo ao considerarmos o fascínio e a curiosidade como elementos motivadores na busca pelo conhecimento; então foi nesse caminhar, a princípio sem muita intenção, expectativa e pretensão de assimilar o método do estudo imanente que, até hoje, colho frutos grandiosos. Para nossa surpresa e alegria, pela primeira vez presenciei mundos se abrirem à nossa inventividade e criatividade cognitiva, abertura mediada pelo estudo e pela escrita.

Foi em meio a descobertas e aflições que consegui alcançar notas inimagináveis em todas as disciplinas do semestre e a tão sonhada nota de aprovação na disciplina de Sociologia. Mas o que me deixava eufórica e ao mesmo tempo feliz, e que confortava profundamente minha alma, era ter a plena consciência de que esta conquista, neste semestre, não seria pontual, efêmera e ocasional. Poderia se estender a todos os semestres subsequentes ao segundo semestre. E por uma razão: tinha me apropriado de um método de estudo que funcionava efetivamente, que tinha resultado.

O professor orientava a todos nós, da turma, a realizar os estudos em escala pessoal e refletia sobre esses mesmos estudos com todos os colegas, coletivamente, em sala de aula.

O que eu percebia era que o método nos comprometia a cuidar de nós mesmos, a nos ocupar conosco, mediados pelo exercício espiritual da escrita exaustiva. Mais que isso: percebia que o método possibilitava nos conhecermos melhor e mais profundamente como pessoas em formação, a tomar consciência de nossas potências e de nossas limitações. O que nos ajudava a corrigir e a superar as dificuldades que enfrentávamos.

Enfim, o método despertava disposições psicológicas e subjetivas em meu corpo que

jamais pensei existir. Aprendi a lutar pelo estudo, aprendi a lutar para ocupar-me comigo mesma quando estudava e a cuidar de mim pela escrita imanente dos trabalhos acadêmicos, cuidar e ocupar-me com a minha formação: a formação de si, nos espaços vivos em que existia; no trabalho, na família e na universidade. Foi com esta luta que consegui parar de matar ou desperdiçar o meu tempo e minha vida por negligência. Isto é, perder tempo com atividades que mais alienam, embrutecem e banalizam a vida, do que a enriquecem.

Antes de conhecer o método do estudo imanente, eu assumia uma perspectiva tradicional de formação. Eu era movida e mobilizada pela perspectiva bancária e positivista. O que significa que incorporava, inconsciente e acriticamente, a cultura bancária. Os princípios valorizados na formação do âmbito da cultura bancária são: a assimilação, o registro e a memorização dos conteúdos oferecidos pela grade do currículo bancário. Sinceramente, eu era tomada completamente por esta cultura. Comportava-me como leitora passiva e acrítica em relação aos argumentos de autoridade dos autores-escritores de trabalhos acadêmicos e livros didáticos, na universidade como estudante de graduação e na escola em que lecionava. Mas esta forma de existir como pessoa em formação foi aos poucos sendo superada pela escrita crítica, libertária e criativa do estudo imanente. Tal escrita e estudo eram exercitados na reconstrução e recriação dos conteúdos socializados pelos trabalhos acadêmicos, com o horizonte de me transformar em escritora, como postula Bezerra (2024, 2023, 2022, 2019a, 2019c).

Habituei-me a escrever por conta própria e exaustivamente, embora com objetivo pragmático: apropriar-me dos conteúdos das disciplinas oferecidas semestralmente e sempre com o mesmo propósito, alcançar o maior conceito nas disciplinas para conseguir o maior coeficiente de rendimento no final de cada semestre. Esse objetivo pragmático começou a ser desfeito, porque a escrita libertária no estudo imanente está comprometida não com números e classificação, mas com a estética da existência⁵ e a ética das virtudes⁶ incorporadas

⁵ Este conceito é amplamente associado a Michel Foucault, especialmente em seus últimos escritos. Para ele, a "estética da existência" envolve a ideia de que a vida não deve ser apenas vivida de forma passiva, mas deve ser "criada" e "moldada" como uma obra de arte. Foucault usa essa ideia para sugerir que a vida ética deve ser tratada como uma prática estética em que o sujeito se torna o criador de sua própria existência através de escolhas e ações conscientes. Isso implica uma reflexão sobre como viver de maneira autêntica e criativa, levando em consideração a liberdade e a autonomia individual sem se conformar a normas externas, mas considerando os limites e as responsabilidades diante da vida em sociedade.

⁶ Para Pierre Hadot, a virtude não é algo que se adquire de uma vez por todas, mas um processo contínuo de transformação. Ele se afasta da visão de uma ética puramente normativa (que define o certo e o errado de maneira abstrata) e propõe uma visão mais dinâmica, em que a virtude é o resultado da prática constante de determinados exercícios espirituais que visam a transformação da alma e do comportamento. A **virtude** é, portanto, uma qualidade que emerge do esforço contínuo para melhorar a si mesmo e viver de acordo com uma

aos processos pedagógicos do estudo imanente, com o horizonte ou o devir da formação de si. O caminho são os quatro momentos do estudo imanente: o diálogo crítico-criativo, o mapa da geografia textual, a interpretação compreensiva e o diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico.

No final do semestre, o professor me fez o convite para participar do Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana (GEPSTUFAL).

Pronto, foi neste momento e por meio de inúmeras exigências que o método nos propõe que iniciei, de fato, meu comprometimento com a minha formação: a ocupar-me comigo pelo estudo, a cuidar de mim na dedicação ao estudo imanente de trabalhos acadêmicos e em todas as disciplinas. Esse empreendimento no estudo imanente permitiu-me fazer o giro pedagógico de rotação e tornar-me objeto de investigação de mim mesma, isto é, a me investigar (autoanalisar) como pessoa em formação acadêmica; em outras palavras: a me conhecer melhor e mais profundamente como estudiosa.

Este compromisso e atitude em relação à formação de si, exigiu-me fazer algumas mudanças importante na minha vida: primeiramente mudei minha rotina, solicitei uma carga horária menor na escola em que trabalhava. Fiz vários acordos familiares, um deles era a exigência de não me ligar quando o celular estivesse off-line, assim eles saberiam que estava em uma tarefa inacabada: estudar escrevendo e pensando no que escrevia.

E conjuntamente com meus amigos do grupo, iniciamos uma jornada de materialização do estudo imanente: de escritaleitura, de debates e reflexões críticas, não só sobre os trabalhos acadêmicos, mas, sobretudo, sobre os efeitos desses estudos em nossos comportamentos e percepções de nós mesmos, investigávamos os efeitos desta aventura de estudar.

De fato, essa forma de estudar desencadeou um metabolismo intenso em nossos modos de vida. Na verdade, era um modo de viver que não estávamos acostumados: várias idas e vindas, muitas renúncias e muita entrega. Mas foram e são, justamente, nesses entrelaces e no princípio da amizade que o grupo se alicerça.

Era com toda essa nova vida, com toda essa nova aventura, mediada pelo estudo, que me deslumbrava — e eu não me sentia só porque sabia que não estava só!

A realização do estudo imanente de cada texto e de cada disciplina era por nós

sabedoria prática. A transformação do ser é gradual e exige uma atenção constante às próprias ações, pensamentos e emoções.

comemorada como grande conquista. A esta comemoração e conquista somava-se o estudo imanente dos trabalhos acadêmicos aprofundado no Grupo de Estudo. Em cada estudo imanente concluído de cada trabalho acadêmico, eu me tornava mais consciente da importância e da prioridade ontológica da escrita no método do estudo imanente. Mas não era qualquer escrita. Era uma escrita que nos libertava dos mitos da cultura bancária, da pedagogia bancária, do ensino bancário, dos comportamentos específicos dos estudantes bancários. Não acontecia apenas comigo, mas com os colegas de turma mais aplicados.

A escrita imanente é um tipo de escrita que recria e reconstrói, concretamente, as tramas e tessituras da geografia textual dos trabalhos acadêmicos. Pela primeira vez tínhamos, em mãos, um método de estudo como fio condutor para nossas reflexões, compreensões e interpretações de trabalhos acadêmicos. De forma que os passos dados com os quatro momentos ou atividades do estudo imanente descortinavam novos horizontes, abriam novas fronteiras, novos mundos, outras perspectivas de análise e levantamento de novas hipóteses, problematizações, caminhos de reflexões e interrogantes que procuravam atender as nossas curiosidades, dúvidas e questionamentos para elucidar a compreensão de trabalhos acadêmicos.

O que estava ocorrendo comigo e com os colegas de turma se aproxima da abordagem de pesquisa elucidada por Marques (2006, p. 21), na qual postula que a abordagem de pesquisa deve ser vista não apenas como uma busca por respostas objetivas, mas como uma experiência que envolve reflexão crítica, interpretação e transformação. Marques (2006) destaca que, muitas vezes, a pesquisa é vivida de forma coletiva, afetando e sendo afetada pelos próprios atores envolvidos no processo.

Assim, como postula Freire (2023, p.126), quanto menos criticidade em nós, tanto mais ingenuamente tratamos os problemas e discutimos, superficialmente, os assuntos. Sem criticidade, pouco ou quase nada contribui para nos posicionarmos mais indagadores, mais inquiridores, mais questionadores e mais criativos.

Vejam a loucura a que este método nos conduziu...

Canalizou-nos, afortunadamente, para um conjunto de atividades intelectuais que intensificou, desmesuradamente, o número de horas de estudo por dia. E esse estudo se tornou mais denso, profundo e extenso. Ele é um modo de vida. Com esta intensidade e exaustividade, o método provocou a desintoxicação da cultura bancária. Isto é, contribuiu para desfazermos da ideia fixa que conhecer é, simplesmente, memorizar. Esta fixação memorialista e solipsista, que não nos exige recriação, reinvenção, reescrita ou reelaboração dos trabalhos acadêmicos, deixa-nos em posição de inautêntica sabedoria e compromete a

arte literária. Isto é, compromete a estética da existência e a ética das virtudes que podem ser conquistadas com a escrita regular, sistemática e metódica; componentes basilares da escrita imanente.

Nesse sentido, a pedagogia libertária do estudo imanente, despertada e movida pelas potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si, opõe-se à pedagogia bancária. A pedagogia libertária do estudo imanente exige que as pessoas em formação tenham a coragem de se libertar da zona de conforto; que superem o comodismo, a procrastinação, o absenteísmo do estudo regular e sistemático. Enfim, que saiam da passividade que nega o direito e a liberdade de estudar; passividade instaurada pela cultura bancária em nossos corpos, em nossas subjetividades. Passividade enraizada, rizomaticamente, inclusive, em nossos aparelhos psíquicos.

Estas características da cultura bancária geram um desconforto generalizado nos atores pedagógicos quando estes participam de experiências de culturas diferentes, como as experiências das atividades (todas as formas de arte de viver) comprometidas com a cultura de si. Este é o caso da experiência do estudo bibliográfico com o método do estudo imanente, comprometido radicalmente com a cultura de si (Foucault, 2022, 2019, 2016). É da natureza do estudo tencionar, provocar, desestabilizar e incomodar pessoas em formação suprassumidas pela cultura bancária.

Nesse caminhar, o estudo imanente nos pôs a escrever. E nos atos da escrita imanente dos estudos bibliográficos com o método do estudo imanente, conseguimos participar de congressos em outros estados, seminários e até publicações de artigos em livro. Para muitos pode parecer banal, mas, na verdade, para quem não tem o domínio de vocabulário mínimo da linguagem das ciências ou das linguagens da geografia textual dos trabalhos acadêmicos, ser autora de um trabalho acadêmico, com a teoria e o método do estudo imanente, é uma grande conquista. É sentir o sabor de ser escritora.

Entretanto, o objetivo maior desta introdução é apresentar a escrita libertária no estudo imanente. A convicção de que o escrever é o princípio fundador do estudo imanente, tanto no sentido de por onde o estudo imanente deve iniciar, sem perda de tempo, quanto no sentido de que é a escrita libertária que o desenvolve, conduz, disciplina e o torna fecundo.

Assim sendo, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo, intitulado *À sombra da escrita: uma reflexão*, apresenta uma breve contextualização da influência da escrita na formação da sociedade moderna. Se propõe a enfrentar a seguinte questão norteadora: como a escrita regular e sistemática, a escrita de si, em si, por si e para si, possibilita a comunicação, especialmente na era digital,

em que a comunicação é instantânea, onipresente e transcende as fronteiras geográficas e culturais?

Além de tentar responder a tal questão, é importante elucidar e esclarecer o mistério das desigualdades, associado ao domínio da escrita. Muitas vezes estas desigualdades se correlacionam a privilégios sociais, econômicos e culturais. Esta plurigrafia⁷ também faz uma pequena reflexão sobre a escrituração do estudo no contexto acadêmico. Nesta escrituração procuramos demonstrar que a escrita é indissociável da formação de si do estudioso.

No segundo capítulo é apresentada uma revisão bibliográfica de estudiosos que problematizam a importância da escrita e como ela pode contribuir para a autonomia, a autoria e a formação humana. No terceiro capítulo é apresentado o escrever como atividade artesanal e artística, que contribui para a formação de escultores literários e na perspectiva da teoria e do método do estudo imanente: formação de escultores e artesãos de geografias textuais de trabalho acadêmico. Quem assim escreve não pode ser concebido como simples escritor, mas como escritor-autor. Para nos convertermos em escritor-autor é necessário que nos transformemos, simultaneamente, em intelectuais críticos e criativos, forjados, justamente, no primeiro momento do método do estudo imanente, no Diálogo Crítico-Criativo. No terceiro capítulo, ainda, apresentamos um questionamento importante sobre o método do estudo imanente: como ele é mediado pelas linguagens dos mundos do universo humano (universo das ciências naturais, das ciências humanas, das ciências exatas, das ciências aplicadas, das ciências da educação, entre outras). No quarto capítulo é posto em evidência o combustível que move o Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, desde 2011, e parece que nunca deixou de ser novidade, de provocar sentimentos, comoções e prazeres em nossos corpos e em nossas almas: a escrita libertária do método do estudo imanente.

⁷ A **plurigrafia** pode ser entendida como uma prática criativa e coletiva em que várias mãos, mentes e corpos se unem para criar um texto que reflete a fusão de perspectivas e experiências. Mais do que uma produção textual individual, a plurigrafia é um trabalho coletivo que incorpora a pluralidade em uma unidade, como descrito na metáfora do deus Janus: múltipla no uno, com diversas faces compondo um mesmo ser. Essas "plurigrafias", criadas com amor e dedicação em grupos de estudo ou outros contextos colaborativos, resultam em textos que vão além do individual e carregam a marca da coletividade. Elas celebram a confluência de ideias, o entrelaçamento de visões e a coautoria como um ato de criação conjunta que transforma o texto em uma monografia verdadeiramente plural e dinâmica.

1. À SOMBRA DA ESCRITA: UMA REFLEXÃO

Neste capítulo elucidaremos a profunda influência da escrita na formação da sociedade moderna. Como a escrita possibilita a comunicação, especialmente na era digital, em que a comunicabilidade é instantânea e onipresente. Neste contexto, ocorre uma contradição: enquanto a informação transcende fronteiras geográficas e culturais sem comprometer a história, a produção do conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, a escrita, como prática social e modo de vida, desaparece como atividade comum, como atividade comunitária. E o que é paradoxal: isto vem se territorializando e se tornando natural, inclusive, em escolas e universidades.

O desaparecimento da escrita está relacionado às profundas desigualdades sociais; conseqüentemente, a drástica redução, senão completa eliminação do tempo socialmente necessário à ocupação de si com a arte literária e a escrita regular, sistemática e metódica. Mas esse desaparecimento está relacionado a outro fenômeno: à expropriação do tempo livre pela produção/expropriação da mais-valia. Se é no tempo livre que escrevemos e estudamos, o desaparecimento e eliminação deste extingue, automaticamente, a escrita e o estudo.

Na contemporaneidade tais tempos foram extintos para as classes condenadas a viverem com o suor do seu rosto. A escrita, como modo de vida, foi, desde sempre, privilégio de uma minoria (Bezerra, 2024a). Privilégio de classe. Considerando a restrição secular, o desaparecimento da escrita na contemporaneidade pelos atores pedagógicos e o privilégio de classe da escrita, este capítulo analisa os efeitos desses fenômenos na escrita acadêmica. E enfatiza que a escrita imanente à vida é imprescindível à conquista da autonomia, da igualdade e da maioria intelectual. Sobretudo à formação do estudioso.

O desaparecimento e a eliminação da escrita implicam na infantilização das pessoas em formação, no comprometimento da democracia e no retorno de movimentos como o fascismo. No Brasil observa-se a bestialização das multidões de professores e estudantes; a expansão neoconservadora das seitas judaico-cristãs; a teologização dos partidos políticos e do governo estatal e empresarial, a teologização das forças policiais e das forças armadas; a negação e anulação da sociedade laica pela territorialização das igrejas fundamentalistas, na velocidade da luz.

À sombra da escrita e ao ar fresco do estudo se erigiram os alicerces da sociedade moderna. Mais do que ferramenta de comunicação e veículo de informações para o método do estudo imanente, a escrita de estudos bibliográficos com o método do estudo imanente facilita as interações culturais e intelectuais, legitima as relações sociais nas instituições e cria as condições materiais e os fundamentos ontológicos para a formação de si.

Essas características da escrita não são exclusivas da contemporaneidade, já estão presentes nas civilizações egípcia e mesopotâmica (Bezerra, 2024a).

Nessa linha de proposições, exercitar-se espiritualmente na escrita é muito mais do que soletrar palavras corretamente ou formar frases gramaticais. É se tornar livre para usufruir um vasto mundo de possibilidades criadas pelos gêneros literários intercambiáveis. Na era digital em que vivemos, na qual a comunicação instantânea é onipresente, a escrita continua sendo um ser essencial, talvez mais necessário do que nunca. Embora se escreva cada vez menos nas escolas e universidades e muito menos ainda nos espaços vivos da geografia social contemporânea.

Escrevemos cada vez mais para os outros e cada vez menos para nós mesmos. Não temos a mínima noção psicológica, literária, sociológica e geográfica dos efeitos da escrita na nossa interioridade humana; como a escrita regular e sistemática atua e intervém nos espaços vivos do corpo, no aparelho psíquico, na subjetividade, nos nossos comportamentos; como a espacialidade da escrita incide e produz a natureza da nossa alma, da nossa mente e da nossa memória. Enfim, como a escrita reliteraturaliza a interioridade humana e desperta as suas potencialidades latentes e libertárias. Por tudo isso, a escrita de si, em si, por si e para si urge ser revigorada e liberta das forças que se esforçam em sepultá-la: as forças da cultura bancária. É esta escrita de si, mas, sobretudo, a escrita em si, a escrita por si e a escrita para si, que, para nós, é libertária. Ela nos força a reflexionar nós mesmos, quando interroga a escrita de si e se pergunta: quais os efeitos da formação da escrita de si na consciência de cada escritor e o que acontece quando consideramos a escrita em si, por si e para si? Porque o exercício espiritual da escrita compreende a escrita de si, em si, por si e para si e não apenas a escrita de si (Pierre Hadot, 2019, 2016, 2014).

Vivemos cada vez mais interconectados e escrevendo cada vez menos. A escrita tornou-se descartável na vida contemporânea. Desde a redação que nos promove ao universo acadêmico até a criação de conteúdos para as redes sociais; a escrita banal, descolada da arte literária, própria da cultura de si, é cada vez mais usada na linguagem que conecta pessoas, empresas e nações. Enquanto as informações transcendem fronteiras geográficas e culturais, permitindo que ideias sejam compartilhadas em todo o mundo, a escrita libertária, como técnica de si e cuidado de si, em si, por si e para si, desaparece das escolas, das universidades, das famílias e da contemporaneidade.

Para constatar o desaparecimento da escrita imanente e libertária da vida social como patrimônio cultural da humanidade e, paradoxalmente, da escola e da universidade, basta em

qualquer sala de aula (do primeiro período de qualquer curso de graduação) pedir aos estudantes que relatem, por escrito, a sua trajetória escolar do ensino fundamental ao ingresso na universidade. Verificar-se-á que num percurso de mais ou menos doze anos essa experiência será escrita em menos de uma lauda: uns conseguirão escrever um parágrafo, mas a maioria não escreverá mais que cinco linhas.

O domínio da escrita não é apenas pressuposto da alfabetização, é um ser vivo que atua na formação de si, das pessoas em formação, em escala pessoal e em escala coletiva. A escrita imanente à vida, imanente a si, imanente aos espaçosvivos do corpo: alma, mente, memória, e não qualquer tipo de escrita, como a escrita bancária, tem o poder de articular palavra-mente-mundo. Nesta articulação, a escrita imanente amplia a percepção humana, reconstrói e reinventa vocabulários e linguagens que foram memorizados e mentalizados. Se a interioridade do corpo se transformar, todo o complexo aparelho psíquico e psicológico se transforma. Transformação que não apenas aumenta a autoconfiança, mas também a intervenção qualificada e consequente nos mundos do universo humano pela assimilação reconstrutiva pela crítica-criativa das linguagens das ciências e seus regimes de verdade, mas também pelo reposicionamento dessa reconstrução das linguagens das ciências pelo trabalho da escrita imanente como trabalho de arte literária.

Esse é o trabalho pedagógico da escrita imanente das referências bibliográficas que pode se estender aos diversos campos do conhecimento: da literatura, da música, da matemática, entre outros.

A escrita imanente que se realiza em todos os momentos do método do estudo imanente (diálogo crítico-criativo, mapa da geografia textual, interpretação compreensiva e diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico) é uma forma de intervir no campo de percepção e dos sentidos humanos, permitindo revalorar e reinventar a personalidade, por meio da escrita, na dedicação exaustiva à escrita. A escrita imanente, deste modo, reinventa nossas ideias e nossos valores, primando pela autenticidade.

Em um contexto mais amplo, a escrita imanente à vida, que intervém na exterioridade e na interioridade do corpo, faz história e não conta história⁸. Ao se propor a fazer história na geografia, a escrita imanente se projeta como possibilidade de territorializar o

⁸ Enquanto discutimos a importância da escrita como forma de reinventar a subjetividade das pessoas em formação através do estudo bibliográfico com o método do estudo imanente: bibliografia da literatura, da geografia, da filosofia, da biologia, da química, da psicologia, entre outros campos do conhecimento, é essencial reconhecer que essa reinvenção ocorre na geografia, na produção do espaço pelos humanos, e não na história. Essa reinvenção ocorre nos espaçosvivos onde as pessoas existem, e não no tempo passado ou no tempo futuro, mas agora, hoje.

conhecimento pelo estudo imanente e não pelo ensino bancário. Nem por isso a escrita imanente deixa de reconhecer a importância da oralidade. Sabemos que desde os hieróglifos egípcios até os livros digitais contemporâneos, a escrita tem sido o meio pelo qual a humanidade escreveu as realizações, acontecimentos e descobertas. Mas sabemos também que não há pensamento sem escrita. Sem ela, estaríamos perdidos em um mar de esquecimentos, incapazes de fazer, desfazer e refazer nossas pessoas e nossas existências.

Mas qual a especificidade da escrita imanente? Em que a escrita imanente se diferencia, por exemplo, da escrita bancária? Em que a escrita imanente é libertária? A escrita imanente inicia no diálogo crítico-criativo, primeiro ato do estudo imanente, e finda com o diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico. O que faz e torna esse procedimento libertário em relação a outros procedimentos de estudo como, por exemplo, o procedimento bancário de estudar? Todas essas questões serão retomadas e respondidas nos apontamentos da escrita libertária no estudo imanente, no último capítulo desse Trabalho de Conclusão do Curso.

Todavia, é importante reconhecer, desde logo, que, embora a escrita funde as civilizações arcaicas, antigas, medievais e modernas, multidões significativas dessas civilizações foram excluídas do exercício espiritual da escrita. A escrita sempre foi uma atividade restrita às castas, aristocracias e classes dominantes. O domínio da escrita sempre foi restrito aos privilegiados. É nesse sentido que Brito (2007) acrescenta que durante muito tempo a escrita foi o único recurso de comunicação (hoje existem vários recursos: gravação, áudio, vídeo, fotografia, arquivos eletrônicos, entre outros).

A expansão da memória oferece às pessoas e aos grupos sociais maior volume de conhecimento, também permite esquecer mais rapidamente. Uma vez que não é preciso guardar na memória todas as informações, mensagens, ideias, raciocínios. Na medida em que os humanos inventaram a memória artificial, o HD dos hardwares, e passaram a arquivar e armazenar informações fora do corpo humano, a memória humana diminuiu abruptamente. A informação se tornou mais acessível globalmente enquanto a escrita e a memória humana se restringiram drasticamente.

Ainda no que concerne à escrita em geral e no que costuma repercutir no senso comum, Brito (2007) salienta que ela não tem e nem teve, em sua origem, a função primordial de comunicação. De fato, ela foi produzida, principalmente, em função da necessidade do registro da propriedade e do controle do fluxo de mercadorias e se desenvolveu na medida em que a sociedade de classes, estruturada, de cima a baixo, pela apropriação da riqueza por uma das classes e pelo poder que esta classe exerce sobre o conjunto da sociedade, se

expandiu com a difusão dos mercados.

Há um vínculo estrito entre a escrita e as formas de poder e de apropriação dos bens materiais e simbólicos produzidos nas civilizações escriturárias. E isto não é de se estranhar quando se considera uma ordem social em que, segundo Brito (2017), a apropriação desigual da produção é o motor. Assim como ocorre com a posse de qualquer técnica, a posse da técnica da escrita, na sociedade de classes, é apropriada de forma desigual e combinada. Quem a exercita intelectualmente são os grupos que detêm o poder econômico, político e administrativo.

Em toda sociedade de classes, a escrita e os bens culturais veiculados socialmente são controlados pelos grupos dominantes, ainda que sempre tenha havido disputas.

Entretanto, não é porque as pessoas integrantes às classes privilegiadas disponham de tempo livre para se dedicarem à arte literária que apenas elas poderão se tornar exímias escritoras. Para escrever bem é necessário se exercitar exaustivamente na escrita, o que pode ser feito por pessoas que integram às classes trabalhadoras, como bem salienta Irlandé Antunes (2005). Ela acrescenta que, a rigor, todos, com dedicação (estudo), podem escrever e usufruir da arte literária.

Em uma sociedade de classes, o tempo que cada pessoa dedica à escrita é, necessariamente, desigual. Depende do tempo livre, do modo de vida das pessoas, das experiências acumuladas com a escrita, das disposições psicológicas e do interesse para dela se ocupar. Mas a desigualdade tende a aprofundar a divisão entre tempo de trabalho e tempo livre ou ócio. É no tempo livre que praticamos as artes de viver, como a escrita imanente do estudo regular, sistemático e metódico (Foucault, 2022, 2019, 2016; Bezerra, 2024). As dificuldades que multidões de pessoas têm para praticar as artes de viver advêm da expropriação do tempo livre pela produção e expropriação da mais-valia para acumulação de capital.

Portanto, afirmar que apenas os naturalmente dotados escrevem bem é um mito contestado por Antunes (2005). O mito da vocação, ausência de talento ou dom inato desencoraja qualquer pessoa a se aventurar na escrita. Esse mito não apenas acomoda, mas faz muitas pessoas desistirem da escrita, a se resignarem e se renderem ao sentimento de impotência e de incapacidade. Acabam por acreditar que nunca poderão usufruir da arte da escrita por não terem nascido com esse talento especial. Por isso, contestações como a de Antunes revigoram nossa alma! Ela argumenta que a técnica da escrita é, em grande parte, resultado da dedicação regular de pessoas em formação escolar e universitária.

Nessa linha de proposições, constituir-se como estudioso é, simultaneamente,

constituir-se como escritor. Nesse sentido, ser autor é mais do que a simples capacidade de escrever; requer a criatividade literária, o exercício da crítica, a capacidade de articular ideias coerentes. Em suma, a formação na arte literária da escrita, especialmente no contexto do aprimoramento da escrita acadêmica, exige um exercício que combina autonomia intelectual e a plena fruição da capacidade reflexiva.

O processo de constituir-se como estudioso implica no processo de se constituir como autor. Mais do que isso, pressupõe o inevitável exercício espiritual e exaustivo da escrita de si, em si, por si e para si — que ocupa especial preocupação entre os autores das mais diversas áreas do campo do conhecimento, dadas as dificuldades verificadas no processo de elaboração de um trabalho acadêmico (Bianchetti; Machado, 2012).

As dificuldades enfrentadas na elaboração de trabalhos acadêmicos são múltiplas, incluindo a organização do pensamento, a clareza na expressão de ideias e a coerência argumentativa. Essas dificuldades refletem a complexidade do processo da escrita regular, que vai além da simples escrituração de ideias, exige profunda compreensão do tema, raciocínio lógico apurado e a disposição psicológica de se tornar escritor.

Dessa forma, a escrita se torna um processo inevitável e indispensável na formação do estudioso. A prática constante e a reflexão crítica contínua sobre o processo da escrita são fundamentais para o desenvolvimento de uma voz autoral singular. Sendo assim, a escrita imanente e autoral de trabalhos acadêmicos (que ocorre no momento da Interpretação Compreensiva) e o trabalho da escrita imanente são inscritos nos espaços vivos do corpo: na alma, na mente e na memória; são escritas portadoras de potências libertárias, mas também de dificuldades e de desafios. Portanto, a escrita imanente enfatiza a imprescindibilidade da escrita regular e sistemática à formação de si dos universitários. A escrita imanente, regular e sistemática se propõe a ser o fundamento da identidade do estudioso e da estudiosa, principalmente em civilizações que se forjaram à sombra da escrita.

2. CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDIOSOS (AS) DA ESCRITA NA FORMULAÇÃO DE UM CONCEITO PERTINENTE E OPERANTE

Neste capítulo, apresentaremos estudiosos (as) que problematizam a importância da escrita e como ela pode contribuir para a autonomia, a autoria e a formação humana. Propomos, aqui, analisar a categoria que embasa nossa problematização: a categoria escrita.

Barthes (2004) faz algumas reflexões sobre a significação da escrita. Para ele a escrita não é absolutamente um instrumento de comunicação ou uma via por onde transita apenas uma intenção da linguagem; e isso é o que opõe a escrita à fala. Barthes postula que enquanto a escrita parece sempre simbólica, a fala nada mais é do que uma duração de signos vazios, uma desordem que escoa em eterno estado de suspensão, na qual apenas o movimento é significativo. A escrita, ao contrário,

[...] é uma linguagem endurecida que vive sobre si mesma e não tem absolutamente o encargo de confiar à sua própria duração numa sequência móvel de aproximações, mas de impor [...] pela sombra de seus signos, a imagem de uma palavra construída muito antes de ser inventada (Barthes, 2004, p. 17).

Em concepção mais ampla que a de Barthes, Machado (1998) postula: “Se, de um lado, escrever exige pensar, de outro, escrever é um veículo para pensar”. Ainda acrescenta que a dupla face da escrita permite evidenciar (ou convida a não negligenciar) que a produção da escrita é forma de trabalhar os pensamentos. Esse trabalho, apesar de sempre inacabado, desperta no escritor e, por conseguinte, no estudioso, a disposição de se aprimorar e se aperfeiçoar. Escrever, como postula Machado (1998), não só desenvolve pensamentos. A atividade de pensar é trabalhada junto com a escrita no estudo imanente de trabalhos acadêmicos e livros didáticos.

Uma particularidade da escrita imanente é que, diferente de outras formas de escrita, como, por exemplo, a escrita bancária, ela valoriza e se concentra no trabalho da escrita nos espaços vivos do corpo: na alma, na mente e na memória.

Ainda sobre a conceituação da categoria escrita, a estudiosa Irandé Antunes (2003) apresenta em seu livro *Lutar com palavras: coesão e coerência*, algumas características sobre a atividade de escrever. Ela indica 10 (dez) apontamentos:

Escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não [se] está procurando agir com outro, trocar com alguém alguma informação, alguma ideia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto [...] (Antunes, 2005, p. 28).

Em sua primeira postulação, Antunes (2003) apresenta a ideia de que escrever é, fundamentalmente, uma atividade de interação e intercâmbio verbal. Esta perspectiva

destaca a natureza social da escrita. Sublinha que o ato de escrever ganha significado na medida em que busca comunicar-se com outra pessoa, trocando informações, ideias ou sentimentos. A autora acrescenta que, assim como a fala, a escrita é uma forma de interação. Quando escrevemos estamos engajados em um diálogo, ainda que muitas vezes de maneira assíncrona e mediada pelo texto. Este diálogo pode ocorrer de várias formas: entre autor e leitor, entre colegas acadêmicos ou até mesmo entre escritores e o público em geral. A escrita, portanto, é uma ação direcionada ao outro, buscando engajar, informar, persuadir ou emocionar. Escrever sem ter um interlocutor em mente é visto por Antunes (2005) como uma atividade sem sentido.

A presença de um outro, mesmo que imaginado, é essencial para dar propósito ao ato de escrever. Este outro pode ser um leitor específico ou uma audiência mais ampla, mas sua existência é crucial para orientar e dar forma ao texto. A escritora considera as expectativas, o conhecimento prévio e as possíveis reações do leitor ao construir seu texto, fazendo da escrita uma atividade profundamente sociointerativa.

Ela acrescenta que o intercâmbio verbal na escrita implica uma troca de informações e ideias. Esta troca pode assumir várias formas: um artigo científico compartilha descobertas com a comunidade acadêmica; uma carta expressa sentimentos a um amigo ou um post de blog discutindo um tema de interesse com os leitores. Em todos esses casos, há uma intenção de comunicar algo que tenha relevância para o outro, estabelecendo uma ponte entre o escritor e o leitor. Além disso, Antunes enfatiza que a escrita é uma ação social. Quando escrevemos, estamos inseridos em um contexto cultural e social que molda tanto o conteúdo quanto a forma de nossos textos e nossos corpos. Normas de linguagem, gêneros textuais e expectativas do público influenciam nossas escritas. Reconhecer a escrita como uma prática social nos ajuda a entender melhor os processos de produção textual e a importância de considerar o contexto em que escrevemos.

Em sua segunda postulação, Antunes (2005) menciona que “escrever, na perspectiva da interação, só pode ser uma atividade cooperativa”. Assim, escrever é uma atividade em que dois ou mais atores agem conjuntamente para a interpretação de um sentido. Acrescenta em sua terceira postulação que escrever a outros e de forma interativa é, pois, uma atividade contextualizada. Nesse sentido, os valores que convencionalmente se atribuem a esses momentos ou espaços determinam certas escolhas linguísticas⁹.

⁹ Os valores atribuídos a momentos ou espaços referem-se às conotações e significados culturais, sociais ou emocionais que as pessoas associam a eles. Esses valores influenciam as escolhas linguísticas na escrita de várias maneiras, incluindo o vocabulário, o tom, o estilo e as figuras de linguagem utilizadas. Aqui estão alguns

Em seus outros pressupostos, Antunes conceitua a escrita como

[...] atividade necessariamente textual (...) uma atividade tematicamente orientada (...) uma atividade intencionalmente definida. Uma atividade que envolve, além de especificidades linguísticas, outras pragmáticas. Escrever é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos. Além disso, é uma atividade que retoma outros textos. (...) E por último, a escrita é uma atividade em relação de interdependência com a leitura. Ler é a contrapartida do ato de escrever, que como tal, se completam. (Antunes, 2005, p. 30-35).

Parafraseando os destaques da estudiosa, escrever é uma atividade complexa e multifacetada¹⁰, que vai além do simples ato de colocar palavras no papel. Em primeiro lugar, a escrita é necessariamente uma atividade textual. Isso significa que envolve a construção e a organização de textos que têm uma estrutura e uma coerência interna. A escrita, nesse sentido, não é apenas a produção de frases isoladas, mas a criação de um todo significativo em que cada parte contribui para a mensagem global.

Além disso, a escrita é uma atividade tematicamente orientada. Cada texto escrito tem um tema central ou um conjunto de temas que guiam a escolha do conteúdo e a forma como ele é apresentado. A orientação temática dá direção ao processo de escrita, ajudando o escritor a manter o foco e a consistência ao longo do texto. Isso é crucial para que o leitor compreenda e aprecie o conteúdo de forma clara e coesa. A escrita também é uma atividade intencionalmente definida. Todo ato de escrever é motivado por uma intenção ou objetivo específico. Essa intenção molda não só o conteúdo, mas também o estilo e o tom do texto. A clareza sobre a intenção de um texto permite ao escritor tomar decisões conscientes sobre a linguagem e a estrutura, de forma a atingir o efeito desejado no leitor.

Além das especificidades linguísticas, a escrita envolve outras pragmáticas. Isso inclui o conhecimento do contexto em que o texto será lido, as expectativas do público-alvo e as

exemplos para ilustrar essa ideia: **Momento Histórico** — se um escritor está descrevendo um evento histórico importante, pode escolher palavras formais e solenes para refletir a gravidade e a importância desse evento. **Espaço Cultural** — ao escrever sobre uma comunidade específica com suas próprias tradições e valores, o escritor pode usar expressões idiomáticas, gírias ou termos culturais específicos para tornar o texto mais autêntico e respeitoso para com essa comunidade. **Momento Emocional** — em uma cena de romance, palavras suaves, sensoriais e emotivas são escolhidas para evocar sentimentos de amor e intimidade. Por outro lado, em uma cena de conflito, o vocabulário pode ser mais duro e cortante para denotar tensão e hostilidade. **Espaço Físico** — descrever um ambiente natural e tranquilo, como uma floresta, pode envolver o uso de uma linguagem rica em descrições visuais e auditivas que retratam calma e serenidade. Em contraste, um ambiente urbano e movimentado pode ser descrito com palavras que sugerem rapidez, barulho e agitação. Essas escolhas linguísticas ajudam a criar uma atmosfera específica, a conotar emoções e a conectar o leitor com o texto de uma maneira mais profunda e significativa.

¹⁰ Refere-se ao que vai além do simples ato de colocar palavras no papel. Ela envolve a construção textual, a orientação temática, a intencionalidade, as especificidades pragmáticas, a intertextualidade e a relação com a leitura. Cada uma dessas facetas contribui para a riqueza e a profundidade do ato de escrever, tornando-o uma habilidade essencial e poderosa na comunicação humana.

convenções de diferentes gêneros textuais¹¹. Por exemplo, a escrita acadêmica segue normas diferentes das da escrita jornalística ou literária. Entender essas nuances pragmáticas é essencial para que o texto atenda às suas finalidades comunicativas.

Escrever é uma atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos. Cada gênero tem suas características próprias, suas regras e suas expectativas. Um poema, um artigo científico, uma carta comercial e uma história em quadrinhos são todos exemplos de gêneros textuais distintos. A habilidade de escrever em diferentes gêneros é uma competência que envolve o domínio dessas convenções e a capacidade de adaptar o estilo e o conteúdo a cada contexto específico.

A escrita, por sua vez, retoma outros textos. Isso significa que escrever é uma atividade intertextual. Nenhum texto é uma criação totalmente original; ele sempre dialoga com textos anteriores, seja por meio de citações, referências, alusões ou pelo simples fato de se inserir em uma tradição discursiva. Reconhecer e utilizar essa intertextualidade enriquece o texto e fortalece seus argumentos e sua credibilidade.

Por último, a escrita está em relação de interdependência com a leitura. Ler é a contrapartida do ato de escrever, e as duas atividades se completam. A leitura é fundamental para a escrita porque fornece modelos, inspirações e conhecimentos que alimentam o processo de criação textual. Além disso, a leitura crítica permite ao escritor revisar e aprimorar seu próprio texto, buscando sempre maior clareza, coerência e impacto.

Assim, a escrita é uma atividade rica e dinâmica que envolve uma variedade de habilidades e conhecimentos. É uma prática que exige consciência temática, intencionalidade, domínio de gêneros textuais e sensibilidade pragmática. Ao mesmo tempo, é um processo intertextual e profundamente ligado à leitura, completando-se em um ciclo contínuo de produção e recepção de textos.

Ainda sobre escrita, Marques (1998) argumenta que o ato de escrever, ato inaugural de um pensar mais criativo e crítico, se faz fecundo na interlocução de saberes e, sobretudo, se constitui em princípio da pesquisa enquanto busca do saber mais autônomo, mais disciplinado, unitário e coerente.

No interessante livro de Luiz Percival, intitulado *Letramento no Brasil* (2005), o escritor em um de seus capítulos, “A ordem da escrita”, define a escrita como uma tecnologia que, mais que a simples transposição para a forma gráfica, constitui documentos, matérias.

¹¹“Cada enunciado separado é individual, mas cada esfera do uso da linguagem elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Ainda, Percival (2005) acrescenta que a escrita funciona como elemento organizador da atividade social, como instrumento de registro e documentação. Sua invenção resultou do desenvolvimento dos grupos humanos e, principalmente, da necessidade de fazer registros, de anotar coisas e de ampliar a capacidade de armazenar e de registrar informações importantes.

Percival (2005) postula que a sociedade contemporânea se organiza com base no sistema da escrita, existindo muitas áreas de atuação e de conhecimentos organizados exclusivamente com base nesse sistema. Além disso, acrescenta o autor, todos os cidadãos que vivem em determinadas sociedades, as suas existências são percebidas não por que existem fisicamente, mas porque têm o reconhecimento escrito dessas existências. Mostra o quanto estamos impregnados de escrita, o quanto vivemos em um mundo regulado por papéis, normas e documentos e o quanto a sociedade letrada determina as condições de existência e as formas de viver de cada um.

Luiz Percival (2005) faz uma menção ao escritor e educador francês Jean Foucambert (1997), que também atribui relevância social à escrita. Para Foucambert, a escrita deve ser encarada não apenas em função de seu papel como meio de comunicação e expressão, mas também e, sobretudo, como “instrumento de pensamento”. Percival acrescenta ainda que:

Cultura escrita é, de todos os termos em consideração, o de significado mais amplo, implicando um modo de organização social cuja base é a escrita – algo que não se modificou em essência mesmo com o advento das novas tecnologias –, até porque estas resultam do tipo de sociedade, de ciência e de produção que se constituíram em função da escrita. A cultura escrita implica valores, conhecimentos, modos de comportamento que não se limitam ao uso objetivo do escrito (Percival, 2005, p.33).

Percival e outros autores insistem em afirmar a importância da escrita, principalmente do ponto de vista sociológico:

Um bom ensino deveria incluir, necessariamente, ensinar os estudantes como estudar, ou seja, como reter informações, como recuperar tais informações, como motivar a si mesmo, enfim, como regular os próprios processos psicológicos em direção a um dado objetivo, o que supõe, sem dúvida, algum grau de consciência sobre tais processos. Em suma, o estudante, quando apresenta maior grau de consciência (metacognição) sobre o modo como aborda determinada tarefa escolar, tem mais possibilidades de encontrar e experimentar novos modos de ação e, conseqüentemente, de auto-regulação. Boa parte das atividades metacognitivas são feitas com apoio da escrita (Percival, 2005, p. 102, grifos nossos).

Como foi dito acima, Percival reafirma a importância da escrita, porém não descreve e nem detalha como devemos fazer para superar as nossas limitação e dificuldades em

escrever, principalmente no âmbito acadêmico. Embora reconheça a relevância do ensino do estudo. : “Um bom ensino deveria [...] ensinar os estudantes como estudar¹², ou seja, [1] como reter informações, [2] como recuperar tais informações, [3] como motivar a si mesmo, enfim, [4] como regular os próprios processos psicológicos em direção a um dado objetivo, o que supõe, sem dúvida, algum grau de consciência sobre tais processos”.

Luiz Percival (2005) ainda propõe dicas de como devemos ler os textos (mas não como estudar os textos), organizarmo-nos, planejarmos, revisarmos e corrigirmos. Porém, essas sugestões restringem-se apenas ao campo conceitual, acabam ficando no campo abstrato e não esclarecem como devemos proceder. Os estudiosos aqui não revelam o *habitus*¹³ para que sintamos a necessidade de escrever. Em outras palavras, essas orientações são extremamente relevantes para despertarem nossa consciência sobre a importância imprescindível da escrita na vida social, mas não contribuem para a concretização da autonomia intelectual pela atividade de escrever.

Percival é o único dos autores estudados aqui que faz menção ao estudo. Mas não o associa à escrita, mas sim com a informação. O mais importante que consegue fazer é vislumbrar alguns aspectos psicológicos associados ao estudo. Por exemplo, que a escrita pode motivar o estudioso no estudo; que, mediado pelo estudo, a escrita pode regular os processos psicológicos em direção a um dado objetivo. O problema é que suas proposições sobre as relações entre o estudo e a escrita são quase que imperceptíveis. Não contribui para uma intervenção qualificada e consequente no estudo, na escrita ou em ambos simultaneamente.

Para contribuir com a superação desta lacuna, no último capítulo abordaremos a relação orgânica e fecunda da escrita libertária no estudo imanente.

¹² Mas, infelizmente, Percival não indica “como se estuda”. Há outra ilusão em sua sugestão: não é possível ensinar a estudar! O estudo é uma atividade humana sensível que o estudioso tem que estudar com os estudantes como estudantes, esta é a perspectiva de Sócrates, indicada no diálogo *Mênnon*, de Platão. Assim como também não é possível ensinar a ser ético, pois a ética encontra-se nas atividades e não no dever. Ética e virtude estão no modo de vida. Por exemplo, no modo de vida dos estudiosos antigos, os filósofos; mas o autor afirma que estudar é como reter informações, como recuperar tais informações, como motivar a si mesmo. Para ele, estudo tem a ver com informação de duas formas: reter e recuperar. Não tem a ver com a apropriação de conhecimentos, tampouco com a assimilação das linguagens das ciências, dos mundos do universo humano e com a adesão aos respectivos regimes de verdade dessas linguagens, não passa pela sua mente. Mas há, na definição da categoria estudo, formulada por Percival, algo bastante importante: estudar é motivar a si mesmo. E como o estudo faz essa motivação?

¹³ O conceito de *habitus*, introduzido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2003), refere-se aos sistemas de disposições duradouras que influenciam as percepções, ações e pensamentos dos indivíduos dentro de um contexto social específico. Essas disposições são internalizadas ao longo do tempo através de experiências e práticas, moldando comportamentos de maneira subconsciente. No contexto da cultura escrita, o *habitus* desempenha um papel crucial, determinando como os indivíduos interagem com a escrita e como essa interação influencia a organização social e o desenvolvimento pessoal.

3. ESCRITA NO ESTUDO IMANENTE

A apropriação da comunicação simbólica¹⁴ por meio do trabalho pedagógico no âmbito da Língua Portuguesa é realizada, tradicionalmente, considerando-se um volume considerável de regras, variáveis e exceções. A socialização dos conteúdos pertinentes à Língua Portuguesa obedece, deste modo, a fragmentação de diversos assuntos gramaticais desconexos entre si. Pior: dissociados do contexto e das práticas dos atores pedagógicos¹⁵, assujeitados à cultura bancária e, concretamente, ao currículo bancário. Verbos, pronomes e interjeições não estão referenciados e enraizados nas vidas dos atores pedagógicos; são a estes quase que completamente abstratos. Ainda assim, esses assuntos gramaticais são frequentemente cobrados e aplicados na produção de redações, muitas vezes sem que os estudantes compreendam a relação entre as regras estudadas e a prática de escrita, o que torna o processo ainda mais mecanizado e distante da realidade comunicativa.

Esta realidade é um grande obstáculo para a promoção de escritores na escola e, inclusive, na universidade. É esta dissociação entre vida social concreta e a Língua Portuguesa, que muitas vezes se revela intransponível à formação de si de escritores. Em suas pesquisas exploratórias, nos projetos realizados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e no Programa de Ações Interdisciplinares (PAINTER), o

¹⁴ Clifford Geert (1989) refere-se a “comunicação simbólica” ao uso de símbolos para socializar significados e mensagens entre pessoas. Esses símbolos podem incluir palavras, gestos, imagens, sons e outros elementos que têm significados específicos, sempre criados por grupos sociais. A comunicação simbólica é fundamental para a interação humana, permite que as pessoas compartilhem ideias, emoções e informações de maneira complexa e sofisticada.

¹⁵ Há uma diferença entre pessoa, ator social ou personagem social e “sujeito”. Uma pessoa é alguém que tem nome próprio, isto é, é registrada em cartório com nome e sobrenome. Quando uma pessoa é filho, pai, mãe, soldado, general, bispo, papa, pastor, padre, fiel, ou qualquer profissional, dizemos que a pessoa é transfigurada ou metamorfoseada em forma social. Portanto, pessoas não são formas sociais, estas são máscaras, que se apossam dos corpos das pessoas, criando uma unidade, e por esta unidade as pessoas se identificam com essas máscaras e são vistas socialmente com essas máscaras, que confere status e distinção social às pessoas. Diríamos que as máscaras das formas sociais suprassumem às pessoas de carne, osso e alma.

O corpo humano é o suporte das formas sociais que são personificadas pelas pessoas nos processos de socialização dos espaços vivos da família, da igreja, da escola, das empresas, entre outras instituições sociais. Portanto, forma social impõe às pessoas um modo de ser, um determinado modo de vida ou modo de existir no mundo com os outros. Elas são projetadas pelas relações sociais e existem para pôr em funcionamento as relações sociais institucionais que a projetaram. Sujeito é aquele que tem o poder de se dar a norma, que governa sua vida e o seu destino, a autonomia e a independência são as marcas do sujeito, completamente diferente da pessoa e do ator social.

Sujeito é senhor do seu destino ou da sua história. Ser sujeito é uma conquista da pessoa, ninguém nasce sujeito ou ator social. Este é necessariamente imposto, uma condição de ser social, ser sujeito é uma posição conquistada pela pessoa. Numa sociedade onde imperam as desigualdades nas condições sociais, ser sujeito exige uma luta que pode se estender por toda a vida. Logo, não é possível existir um sujeito absoluto, mas pessoas que não abrem mão nem façam concessão dos seus objetivos e de seus projetos. Sujeito é aquele(a) que tem consciência de seus potenciais e luta para conquistá-los, aqueles(as) que lutam, diuturnamente, pela liberdade e autonomia (Bezerra, 2009).

GEPSTUFAL chega à seguinte conclusão: “quem sabe escrever sabe ler, mas nem sempre quem sabe ler sabe escrever” (Bezerra, 2019c). Foi esta evidência empírica, resultante das pesquisas no Pibic/Ufal e no PAINTER/Ufal (realizadas entre 2011 e 2016), além da aplicação do método na disciplina Sociologia da Educação (entre 2014 e 2017) — nas turmas de segundo período, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Centro de Educação da Ufal — que acabou se estabelecendo a prioridade ontológica da escrita no método do estudo imanente.

Este modo de produzir, socializar e se apropriar da escrita fragmentada sempre foi nítido nas aulas de Língua Portuguesa, mas no decorrer dos estudos em escala coletiva nos encontros pedagógicos da disciplina Sociologia da Educação (ofertada pela Universidade Federal de Alagoas e ministrada pelo professor Ciro Bezerra), é que tornou-se evidente o quanto a escrita é e está articulada e referenciada no mundo, na vida social, o quanto a escrita flui junto e intrínseca à vida das pessoas nos espaçosvivos. Nesta perspectiva, da teoria e método do estudo imanente, a escrita está imbricada com o modo de vida das pessoas.

É saber que a escrita é um exercício espiritual, que com a ponta do lápis, escrevendo no papel em branco pautado, no caderno de estudo, criamos geografias textuais — com paisagens literárias e cartografias literárias com singularidade ímpar, mobilizando categorias (modos de ser ou formas de existências), conceitos e ideias referenciadas na realidade humana — é muito diferente de ignorar e desconhecer como, para além dos atributos da língua, os humanos criam a geografia textual, porque a palavra é portadora de espacialidade própria, ocupa simultaneamente e põe em movimento três dimensões humanas: mundo, linguagens e os espaçosvivos do corpo: alma, mente, mundo, como postula Bezerra (2019). É saber que os escritores e/ou autores de trabalhos acadêmicos (livros, artigos, teses, dissertações, monografias, resenhas críticas, relatórios de pesquisa) e livros didáticos compõem, através da arte literária, uma complexa trama a partir da espacialidade da palavra. Trama que a teoria e o método do estudo imanente nomeiam, de acordo com Bezerra (2019), geografia textual, justamente pela espacialidade das linguagens das ciências dos mundos do universo mental humano. É saber que o estudo sistemático, rigoroso, metódico e comprometido com a formação implica, necessariamente, um trabalho lento, exaustivo, artesanal, paciente e persistente de recompor/recriar/reescrever, decompor e compor uma geografia textual de trabalhos acadêmicos compartilhados em referências bibliográficas. Não é um saber desprezível, que devemos descartar e ignorar, pois é muito necessário às pessoas em formação, imbuídas do desejo ou necessidade de estudar, compreender e interpretar os conteúdos das disciplinas ou matérias oferecidas nas grades curriculares das

escolas e das universidades.

E todos sabemos que esse trabalho necessita de ambiente de estudo, lápis, cadernos e livros, computador e internet. Quem escreve também precisa estar bem alimentado, descansado e sem preocupações econômicas para poder se concentrar neste trabalho e se permitir, com liberdade, ser tomado pela alegria e pela energia do escrever. Portanto, a escrita não é uma atividade simplória, mas bastante complexa. Especialmente, em relação aos filhos da classe trabalhadora, para os quais essas condições muitas vezes não estão garantidas. A escrita, como tantas outras atividades intelectuais, exige tempo, estrutura e estabilidade, elementos frequentemente negados a quem precisa dividir suas energias entre o estudo e o trabalho para sobreviver. Ainda assim, a classe trabalhadora tem resistido, produzindo conhecimento, arte e literatura, mesmo diante de todos os limites impostos. Afinal, escrever também é um ato de resistência.

Para escrever é necessário converter-se ou tornar-se escritor: é um trabalho/escrita de si, em si, por si e para si. Um trabalho paciente e persistente de apropriação social de vocabulários e linguagens, que amplia nossas percepções e provoca sentimentos, afetos e emoções; mas que também envolve a disciplina, a dinâmica e as características das línguas: suas regras básicas, funcionamento e aplicações.

A escrita de trabalhos acadêmicos e livros didáticos possui, assim, uma dinâmica própria; bem como possui dinâmica própria o estudo imanente da escrita e dos conteúdos desses trabalhos e livros. Nesse sentido, consideramos esta escrita específica como um complexo social e categorial que se erige a partir do trabalho humano sensível no campo da arte literária. O estudo de geografia textual de trabalhos acadêmicos e livros didáticos não deixa de ser e se inscrever no campo dos estudos do gênero acadêmico. Portanto, o estudo da geografia textual, da composição da geografia textual de trabalhos acadêmicos, é atividade humana sensível. Estudo imanente é arte literária; arte de viver e escrever literariamente.

O conceito de estudo imanente como arte literária e como arte de viver e escrever literariamente pode ser compreendido em sua relação com a ideia de imersão total na essência de algo. "Imanente" refere-se ao que está dentro, ao que pertence à própria natureza do objeto ou à experiência direta, sem recorrer a algo externo para justificá-lo ou defini-lo. Aplicado à literatura, isso significa um enfoque na análise, criação e vivência literária a partir de suas próprias leis internas, em um processo que valoriza a arte como um fim em si mesma. Nesse caminhar, estudar imanentemente é não apenas mergulhar nos aspectos intrínsecos da literatura, mas também viver em sintonia com a arte, cultivando um olhar e uma escrita que

transformam a vida em literatura e a literatura em vida.

Mais uma coisa importante: quando escrevemos mobilizamos emoções, sentimentos, afetos, paixões, medos, frustrações, receios, entre outros aspectos que compõe a alma humana. Provocamos em nós, por nós e para nós: ideias, imagens, imaginações, intuições, *insights*, desejos, necessidades, esperanças, prazer. Mobilizamos toda interioridade humana; o campo de percepção e o campo dos sentidos. Mobilizamos também o aparelho psíquico; consciente, pré-consciente e inconsciente ou o ego, o superego e o id e as disposições psicológicas que nos coagem, constroem e até nos obrigam a nos comportarmos de uma determinada forma nos espaçosvivos. Intervimos, desta forma, com o ato de escrever, com a arte literária, nas nossas subjetividades. Aliás, temos a possibilidade de — com as potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si — reinventar e recriar nossas subjetividades e nos constituirmos em outro ser distinto de nossas pessoas e dos atores sociais que somos até um determinado momento, como postula Bezerra (2019).

Assim que postulamos haver uma escrita libertária no método do estudo imanente. Na forma de fazer o diálogo crítico-criativo, o mapa da geografia textual, a interpretação compreensiva e o diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico das geografias textuais dos trabalhos acadêmicos. No trabalho singular desta escrita específica, o trabalho desta escrita e a escrita deste trabalho imanente atua na interioridade humana e faz-nos sentir, profunda e intensamente, a força da espacialidade da palavra, o fato de a palavra agir no mundo (exterioridade) e em nossa alma, mente e memória (interioridade).

Em nossas reflexões anteriores, postulávamos que é nobre este objeto que temos que trabalhar na escola: a escrita. Porque trabalhando com a escrita trabalhamos em nós mesmos; isto é, cuidamos de nós e ocupamo-nos conosco, mediados pela escrita libertária no estudo imanente dos trabalhos acadêmicos e dos livros didáticos. Portanto, nesses estudos podemos nos conhecer melhor e mais profundamente como estudiosos. Por meio da escrita libertária no estudo imanente, fazemo-nos e nos tornamos objetos de estudo de nós mesmos, de forma reflexionante, forma que nomeamos de giro pedagógico de rotação ou erospedagogia, porque é um estudo da escrita libertária movido por amor incondicional.

A atividade humana sensível de escrever é uma atividade artesanal, forma de tricotar a espacialidade das palavras, de literaturalizar e territorializar mundos e corpos por meio da arte literária; de esculpir, detalhadamente, e com cuidado, os espaçosvivos do corpo: alma, mente, memória. E tudo isso é feito com as mãos, que movimentam todo o corpo. E mãos são, também elas, corpo. Portanto, a escrita é feita por artesãos intelectuais, por escultores, inventores e criadores, literários, de corpos, linguagens e mundos.

São como artesãos e tricotadores da escrita, escultores de geografias textuais, o que entendemos ser o escritor-autor. Vale ressaltar que todo autor é um escritor, mas nem todo escritor é um autor. O escritor domina o ato de escrever, enquanto o autor imprime sua originalidade e identidade criativa na obra, deixando um legado intelectual ou artístico. É por meio do trabalho ou atividade humana sensível, por arte de viver singular, que nos transformamos, transfiguramo-nos, metamorfoseamo-nos em estudiosos. Pessoas estudiosas são pessoas em formação e, portanto, em transfiguração ou mutação, que aprendem, sobretudo, a escrever. E com-e-na escrita exercitam-se espiritualmente no pensar e no sentir do pensar escrevendo, mediado pelo trabalho da escrita nos espaçosvivos do corpo (alma, mente, memória) e nas linguagens dos mundos do universo humano (Literatura, Geografia, Filosofia, Economia Política, Biologia, entre outras linguagens e seus regimes de verdades, que assimilamos e aderimos acriticamente e inconscientemente).

Escritor-autor é aquele e aquela que sabe fazer elaboração autoral de geografia textual, escrevendo com a ponta do lápis na folha de papel branco pautado do caderno de estudo.

A escrita libertária no estudo imanente é uma atividade que desenvolve a maturidade, a igualdade e a autonomia intelectual das pessoas em formação. Intelecto e inteligência se desenvolvem escrevendo; desenvolve-se na escrita, durante a escrita. Nem antes, nem depois, mas durante: na atividade da escrita libertária no estudo imanente. É esta escrita que tem o poder de mobilizar todo o campo perceptivo do ser humano com o corpo: mãos, olhos, ouvidos, cérebro, afetos, emoções, sentimentos, imaginações, *insights*. Essa escrita acelera a respiração, exige concentração e acalma quem a pratica.

O ato da escrita libertária no estudo imanente é, por tudo isso, terapêutico. É uma experiência racional, emocional e simultânea, movimenta as faculdades da razão e da paixão. E está referenciada na ética das virtudes e na estética da existência. Mobiliza, agita, provoca e desperta as potências latentes e libertárias da interioridade humana como salienta Bezerra (2019).

Todas essas reflexões influenciaram no diálogo de mim para comigo. Despertaram-me para que pudéssemos ver o estudo da Língua Portuguesa como uma contribuição para a apropriação da comunicação simbólica (palavras que se espacializam e movimentam os espaçosvivos do corpo, linguagens e mundos), pelos atores pedagógicos (professor e estudante). É, de fato, um exercício espiritual (Hadot, 2019, 2016, 2014), implicado, organicamente, na estética da existência e na ética das virtudes. O trabalho da palavra e, simultaneamente, a palavra do trabalho da escrita libertária no estudo imanente é vivido por humanos livres que fortalecem o governo de si.

Desta forma, Bezerra (2024, 2023, 2022, 2019a, 2019c) contribui com sua teoria sociopedagógica da escrita libertária no estudo imanente para refletirmos sobre a formação do leitor-escriptor-crítico-criativo pelo método do estudo imanente. O método proposto é apenas um método de estudo e que, ele próprio, se estuda. Propõe-se a ser estudado quando se realiza o estudo bibliográfico com o método do estudo imanente. Ele sugere que os atores pedagógicos façam, primando pela excelência, rigor e arte, revisões bibliográficas, revisões de literatura, estudo da arte, estudos bibliográficos, elaboração de planos de aula, socialização dos conhecimentos contidos em ementas das mais diversas disciplinas e dos mais diversos campos do conhecimento.

Esse método é realizado pela atividade desta escrita libertária singular. É relativamente mais complexa que a forma bancária de escrever. Aquela incorpora o complexo categorial da cultura da escrita de si, em si, por si e para si e esta incorpora o complexo categorial da cultura bancária. A escrita libertária no estudo imanente é mobilizadora e nos engaja e desperta o gosto pelo estudo imanente à vida. Por exemplo, o desejo e a vontade de querer participar dos estudos e das pesquisas realizadas no grupo de estudo. Vale ressaltar que este grupo não se ocupa apenas com a escrita libertária no estudo imanente, mas valoriza as relações afetivas e os laços de amizade.

Em um dos extratos de seu livro *Estudo & Virtude*, Bezerra (2019a) propõe que o estudo de trabalhos acadêmicos e livro didático sejam realizados escriturando e registrando as unidades significativas e epistemológicas, porque apenas escrevendo é possível criar memória:

a escrita [deve ser] realizada concomitantemente à leitura, escrevendo-se as unidades significativas dos textos escolares, contidas nos livros didáticos: categorias, conceitos das categorias, ideias vinculadas às categorias e o conjunto de palavras desconhecidas. Escreverlendo é a chave para ampliar a memória, o substrato da escrita. Essa atitude pedagógica forja a memória dos conteúdos estudados. Por conseguinte, estudar é diferente de simplesmente ler. Exige um posicionamento crítico dos atores pedagógicos frente ao texto (Bezerra, 2019, p.57).

Para escreverlendo e pensar no que se está escrevendo é necessário que, primeiro, os atores pedagógicos (estudantes e professores) se apropriem do espaço físico onde realizam estas atividades. Mas — para além desse espaço — no estudo, escreverlendo, é necessário que os atores pedagógicos se apropriem do que compreendemos como espaço literário. Isto é, de todo um território constituído, não apenas de letras, mas de relações socioliterárias, de recursos literários e dos conteúdos literários, socializados por outros escritores. Existe, desta forma, uma cadeia ou rede literária, que subjaz a arte de viver da escrita libertária no estudo

imane.

Em muitas de nossas aulas, o nosso professor suscitava que o que superaria a barbárie (o analfabetismo e suas diferentes modalidades, por exemplo, o analfabetismo funcional e o analfabetismo profissional) e possibilitaria que as pessoas conquistassem a consciência de si, em si, por si e para si, bem como o lugar de si na sociedade civil, desdobra-se, concretamente, na apropriação da comunicação simbólica por meio da escrita libertária no estudo imane da Língua Portuguesa, da Literatura, da Biologia, da Química, da História, da Filosofia, da Geografia, entre outras linguagens das ciências.

A escrita libertária no estudo imane transcende o formalismo das grades curriculares bancárias, nas quais as sugestões pedagógicas buscam encontrar, nas propostas das leituras, os significados e sentidos das palavras classificadas como substantivos, adjetivos, preposições, advérbios, sufixos, prefixos, artigos e conjunções. Para além de todo o formalismo do currículo bancário da Língua Portuguesa, a apropriação da comunicação simbólica é vida. Mesmo porque, não há existência possível fora da linguagem sem a capacidade de intervir de forma qualificada e consequente no mundo, o que exige o exercício da apropriação simbólica e espiritual no mundo; esse exercício forma os humanos. A formação do ser humano pressupõe a familiaridade com a língua e o simbólico, com os sinais e os símbolos que necessariamente se referenciam no mundo organicamente. Seres que são extensões do uno, da vida. É desta forma que os humanos se transformam em seres socioculturais.

Nessa linha de proposições, interessa-nos, portanto, problematizar a escrita libertária no estudo imane. Isto é, importa compreender como a atividade humana sensível, o exercício espiritual, o trabalho de si, em si e por si comprometido com a autonomia intelectual, a conquista da autoria e da formação de si referenciada na formação humana pode ser forjada pela escrita libertária no estudo imane. Nesse sentido, apresentaremos alguns extratos de textos formulados por Bezerra (2024, 2023, 2022, 2019a, 2019c) que nos dão pistas para compreender essas duas atividades tão singelas, singulares e desconhecidas de nós: a escrita libertária e o estudo imane podem reinventar a “cultura de si” (Foucault, 2022, 2019), ou melhor, a cultura literária de si, em si, por si e para si na contemporaneidade e na educação brasileira, mediada pela escrita libertária no estudo imane.

Oliveira (2012) ao analisar as categorias escrita, autonomia e autoria, estabelece interlocuções com outras temáticas que colocam em evidência a importância salutar da produção escrita. A produção escrita é essencial na formação universitária. Esta análise das

categorias escrita, autonomia e autoria revela a complexidade e a importância da produção da escrita na formação de si dos estudantes de graduação e pós-graduação das universidades. Oliveira evidencia o valor singular da escrita na formação crítica e criativa, teoricamente sólida, do estudioso.

Nesse sentido, a escrita libertária no estudo imanente transcende as abordagens teóricas e abstratas da escrita e do estudo no âmbito da formação de si nas universidades. Visa contribuir para a formação humana e de forma concreta com a escrita libertária no estudo imanente de referências bibliográficas. O método proposto por *Ciro Bezerra* (2024, 2023, 2022, 2019a, 2019c, entre outros) é um método de estudo, mas também um método de estudar a formação de jovens pesquisadores através do estudo bibliográfico com o método do estudo imanente. Ele forja, com os atores pedagógicos, primando pela excelência, o rigor da escrita e do estudo, nas revisões bibliográficas, revisões de literaturas, nos estudos da arte, na elaboração dos planos de aula, na apropriação dos conhecimentos contidos em ementas das mais diversas disciplinas e dos mais diversos campos de conhecimento; a conquista da autonomia, igualdade e maioria intelectual no exercício da elaboração autoral de geografia textual de trabalhos acadêmicos.

Para *Bezerra* (2019c, p. 83), esse método se propõe a suprir a lacuna sobre como fazemos revisão e estudo bibliográfico, pressuposto necessário para realização de qualquer tipo de revisão e estudo da arte. Mais importante: o estudo bibliográfico com o estudo imanente é capaz de superar as diversas formas de analfabetismo, como o analfabetismo funcional e o analfabetismo profissional. O método se propõe a

[...] transformar o leitor em escritor. E, nesta transformação, despertar as potências libertárias da interioridade humana: alma, mente e memória, ao mesmo tempo éticas e estéticas, por meio do trabalho com as mãos, nas atividades da escrita libertária no estudo imanente. Este objetivo nos exige reposicionar a forma geohistórica do trabalho intelectual na modernidade. Propor outra forma de estudar Ciências Humanas. Sobretudo quando observamos a realidade da educação escolar e universitária na contemporaneidade. Exige-nos negar a cultura bancária e os fundamentos tayloristas que dão suporte ao trabalho pedagógico, porque escola não é empresa, para esforçarmo-nos em viver e praticar o estudo como modo de vida, ocupação consigo e cuidado de si (*Bezerra*, 2019c, p. 84).

A teoria e método do estudo imanente objetiva atuar nas disposições psicopedagógicas dos atores pedagógicos. Isto é, atuar na subjetividade que constitui cada um de nós, nos estudos em escala pessoal, molecular, nas atividades de estudo feitas em bibliotecas, mesmo as bibliotecas improvisadas nas residências. Em outros termos: atuar na formação de si dos atores pedagógicos, realizada por eles mesmos.

No livro intitulado *Medida viva do fogo: teoria e método do estudo imanente*, Bezerra (2023, p. 112) inicia um dos seus capítulos levantando questionamentos que até então se faziam presentes em nossas mentes, porém não ganhavam uma roupagem concreta e explícita, não conseguíamos formulá-las. Um desses questionamentos foram assim postulados:

Há estudos sobre como os cientistas estudam? Algum cientista escreveu e registrou sobre como ele estudou suas referências bibliográficas? Sobre como ele escriturou seus estudos de forma sistemática, regular e metódica, como ele registrou, documentou e se tornou testemunho dessa experiência de estudar suas referências bibliográficas? Os estudiosos e pesquisadores se perguntam, a si mesmos, em que as atividades que se ocupam contribuem para a formação de si? Se estas atividades e ocupações os embruteçam, os alienam, os oprimem e banalizam suas vidas? Quantas horas por dia se dedicam à formação de si? E se esta formação é forjada por escritas semelhantes à escrita libertária no estudo imanente? Quais e quantos métodos utilizam em seus estudos? Que autores- escritores escreveram esses métodos? Os cientistas e estudiosos têm o hábito e o costume de registrar como escrevem e como estudam, ou tratam com indiferença a forma como escrevem, estudam, documentam e arquivam seus estudos? Sobre o que estudam? Sobre o que escrevem? Qual o valor que atribuem às atividades da escrita e do estudo? Alguém já escreveu sobre como os cientistas e estudiosos registram, escrituram e arquivam a escrita dos seus estudos? (Bezerra, 2019a, p.114-115).

Nesta linha de proposições, esses questionamentos fazem-nos entender que a teoria e o método do estudo imanente está interessado em descobrir o processo pedagógico que convertem ou tornam as pessoas em outras de si mesmas, mediadas pela escrita libertária no estudo imanente. Esta teoria e método postulam que a escrita libertária e o estudo imanente têm o poder de transfigurar pessoas-comuns, meros alunos-leitores-bancários e professores-aunistas-bancários em formandos e formadores, críticos e autônomos. Em uma palavra: estudiosos. Assim, a escrita libertária no estudo imanente se propõe a despertar, nos atores pedagógicos, o compromisso e a responsabilidade com a formação de si e a combater a procrastinação e absenteísmo do estudo regular, sistemático e metódico, sobretudo despertar as potências da vontade de ser e viver livre no-e-pelo estudo imanente, que estão agrilhoadas à cultura bancária como Prometeu acorrentado à rocha.

Vale salientar, com Bezerra (2019a), que o processo pedagógico da escrita libertária no estudo imanente se empenha e envida todos os esforços para despertar as potências latentes na interioridade do corpo dos atores pedagógicos, e que é imprescindível para este despertar. A conquista da autonomia intelectual e o exercício do governo de si acontece, simultaneamente, com a personificação da forma social do estudioso. Esse é o horizonte que a escrita libertária no estudo imanente persegue. Assim, como postula o autor supracitado, a teoria e método do estudo imanente é a forma de operar esta personificação ou

transfiguração da pessoa em formação, dos atores pedagógicos, em estudiosos.

Nessa perspectiva, Bezerra (2019a) defende que:

[a escrita libertária] no estudo imanente é uma política de si, comprometida, toda ela, com a formação de si e referenciada na formação humana. Vale dizer: o objeto sobre o qual a teoria e método do estudo imanente trabalha é a materialidade da vida humana, que transcorre nos espaçosvivos do estudo, objetivando a formação de si. Ele atua e incide, diretamente, nas atividades que as pessoas se ocupam na vida cotidiana. O estudo imanente e as atividades do estudo são, de uma vez por todas, uma atividade relevante que os humanos devem se ocupar de uma forma efetiva, porque afetiva já o é (Bezerra, 2019a, p. 115).

Nesse sentido, a escrita libertária no estudo imanente é descrita como uma prática de autoformação, na qual as pessoas se formam por si mesmas.

A expressão política de si sugere que a escrita libertária no estudo imanente é uma forma de auto-organização das existências das pessoas em formação, autocuidado motivado e necessário, comprometido com o ocupar-se consigo pela escrita no estudo. O foco está na formação de si pela escrita libertária no estudo imanente à vida, ou seja, na conquista da humanização de si pela pessoa em formação, profundamente enraizado no humanismo. Certamente, os conceitos atribuídos por Bezerra às categorias escrita, escrita libertária, estudo e estudo imanente são muito amplos, são transversais às linguagens das ciências e interdisciplinares. Mas interdisciplinaridade feita não pela mediação de diferentes enfoques teóricos, próprios às diferentes disciplinas, sobre tema ou categoria em comum, mas mediado pelo método do estudo. Os conceitos das categorias escrita e escrita libertária e estudo e estudo imanente estão comprometidos com a formação omnilateral e politécnica.

Nessa linha de proposições, o objeto da escrita libertária no estudo imanente é a materialidade da vida humana na arte literária do gênero acadêmico. Isso sinaliza que o trabalho da escrita e a escrita do estudo bibliográfico com o estudo imanente se concentram na concretude dos modos de vida e nas realidades das existências das pessoas em formação, na entrega de corpo e alma, ao contrário de teorias abstratas. O trabalho da escrita e a escrita do estudo bibliográfico nos quatro momentos do estudo imanente se materializam nos espaçosvivos de estudo, ou seja, nas bibliotecas, lugares reais e um dos mais apropriados para realização das atividades do estudo. O objetivo, como já indicado, é a formação de si, em si, por si e para si, que reforça o governo de si e o autoconhecimento das pessoas em formação como estudiosos.

Dessa maneira, a escrita libertária no estudo imanente não é uma atividade isolada, ela intervém diretamente nas atividades cotidianas. Isso implica que o estudo imanente está integrado à vida cotidiana e influencia os atores pedagógicos, em suas vivências, nos espaçosvivos onde compartilha suas vidas com os outros. A escrita libertária no estudo

imaneente liberta as pessoas em formação das rotinas e responsabilidades que banalizam a vida e as conformam ao governo dos outros. Assim, a escrita libertária no estudo imaneente é apresentada como processo pedagógico e formativo necessário à vida cotidiana das pessoas em formação. Escrita e estudo são categorias abordadas por Bezerra como modos de seres reais e efetivos. Forma de fazer as pessoas em formação se engajarem em suas próprias formações, a se responsabilizarem e assumirem o protagonismo e o governo desta formação. Esta atitude pedagógica impactará as disposições psicológicas e subjetivas dessas pessoas, a vida e as relações nos espaçosvivos onde elas existem.

Bezerra (2024, 2023, 2022, 2019a, 2019c) postula que a escrita libertária no estudo imaneente é marcada pela filosofia da práxis gramsciana, é prático-metodológico, prático-filosófico e prático-político ao mesmo tempo; e essa práxis que a caracteriza não permite dissociar teoria e método ou teoria e prática. Na práxis filosófica da escrita libertária no estudo imaneente tudo se faz junto; nos estudos em escala pessoal, na formação de si, nos espaçosvivos do estudo, mas também nos estudos em escala coletiva, com os colegas de turma na sala de aula.

O autor acrescenta que teoria e método se fazem reciprocamente nos momentos ou atividades da escrita libertária no estudo imaneente, que operam o método. O que acontece nos quatro momentos ou atividades pedagógicas da escrita libertária no estudo imaneente: diálogo crítico-criativo; mapa da geografia textual; diário autoetnográfico e interpretação compreensiva. Bezerra (2019 a) acrescenta que

Esses momentos despertam a vontade de estudar e comprometem e responsabilizam, subjetivamente, os atores pedagógicos, na vontade de ser e viver livre no estudo. Esta dinâmica [da escrita libertária no] estudo imaneente converte os atores pedagógicos em estudiosos. Desencadeia uma transformação radical no ser dos atores pedagógicos. Com [a escrita libertária no] estudo imaneente os atores pedagógicos mudam a si mesmos. Uma mudança das-e-pelas pessoas, mediadas pelas atividades do estudo. [A escrita libertária no] estudo imaneente muda o modo de ser e viver nos espaçosvivos. Mediante as pessoas [em formação] personifiquem a forma social estudioso. Esse processo ocorre por meio da construção de uma volumosa, exaustiva e densa atividade da [escrita libertária no estudo imaneente] (Bezerra, 2019 a, p.117).

Fazendo uso desses momentos postulados acima, conquista-se o propósito do estudo imaneente: ser escritor-autor. Esta conquista implica na conquista, concomitante, da autonomia intelectual, da maioria intelectual e da igualdade das inteligências. O substrato de todas essas conquistas está na adesão radical da escrita libertária e do estudo imaneente à cultura de si e um combate permanente e intransigente, na prática e na teoria, à cultura bancária. São conquistas que ocorrem, também simultaneamente, no exercício do governo

de si. Governo que se faz com a coragem de se propor franco e verdadeiro consigo: pessoas em formação, com independência, austeridade e luta contra às seduções do mercado; para os professores e estudantes abrirem mão da formação teórica sólida pela personificação da forma social profissional.

Nesse sentido, a teoria e método mobilizam as pessoas a se autoanalisarem na escrita libertária no estudo imanente. Bezerra (2019a, p.123) postula que é um tipo de escrita e de estudo que pressupõem um método específico de estudar, explicitado nos momentos ou atividades do estudo, organicamente articulados. Por exemplo, eles ocorrem ao mesmo tempo e não por etapa, fase ou ordem.

A conversão das pessoas em formação em estudiosas, acrescenta Bezerra (2019a), é o horizonte exaustivo, persistente e paciente do trabalho pedagógico ou formativo. Possui profundas raízes na arte literária, na estética da existência e na ética das virtudes.

O modo de vida estudioso é uma conquista de muita luta, inclusive consigo. Ninguém se converte em estudioso de forma natural e espontânea, assistindo aula de um professor, por mais brilhante que este seja. Não é o ensino na escola e nem o ensino na universidade que transfiguram as pessoas em formação em estudiosas. É a escrita regular e sistemática no estudo imanente dos trabalhos acadêmicos e dos livros didáticos que, de fato, transfiguram as pessoas em formação e as convertem em estudiosas. O horizonte da cultura bancária, isto é, do currículo bancário, da formação bancária e da avaliação bancária, é transformar pessoas em profissionais. Esta é a finalidade, o estudo é apenas um meio. A formação bancária, orientada por esses dispositivos e finalidade, converte as pessoas-atores em meros profissionais, sujeitos ao governo dos outros, o governo dos patrões. Profissional não escreve e não estuda!

A figura do estudioso, a conquista da forma social estudioso, mediada pela escrita libertária no estudo imanente, evidencia que o objeto da teoria do estudo imanente está focalizado nas atividades deste mesmo estudo. Ademais, esta teoria está muito interessada em estudar e compreender os efeitos psicológicos, socioespaciais, pedagógicos e formativos dessas atividades. Também lhe interessa investigar, empiricamente, como os atores pedagógicos estudam e quais os efeitos e implicações desta atividade nas existências daqueles que vivem e atuam em escolas e universidades.

Em uma de suas postulações, Bezerra evidencia o que nos encanta em seus estudos:

O estudo imanente é uma oportunidade ímpar que professores e estudantes têm para fazer de suas vidas uma obra de arte, de cuidarem de si, por si e para si, de ocuparem-se consigo pelo estudo, de esculpirem seus sentimentos, emoções, sensações e mentes. Esculpirem os espaçosvivos de seus corpos: almas, mentes,

memórias. Esculpirem seus sentidos e percepções, de si e do mundo. Esculpirem suas espiritualidades. Os meios para nos esculpirmos pelo estudo são a assimilação das linguagens do universo humano e a apropriação dos conteúdos curriculares, formais ou informais, e independentes do Sistema Nacional do Ensino Bancário. Esta assimilação e apropriação ocorrem pela escritaleitura, regular e libertária, sistemática e metódica (Bezerra, 2019a, p. 119).

O método do estudo imanente, proposto por Bezerra, é um modo concreto de trabalhar a escrita no estudo, ou, como preferimos: a escrita libertária no estudo imanente. Possibilita superarmos a forma bancária, arbitrária, de escrever; de dissociar o estudo da escrita. A escrita libertária no estudo imanente propõe uma forma mais sistemática para as pessoas em formação poderem monitorar e avaliar suas próprias escritas e os seus próprios estudos.

Para tanto, os momentos propostos por Bezerra fazem-nos reconhecer a imanência da escrita e do estudo nas existências das pessoas em plena formação. E esta imanência se faz presente nos espaços vivos, onde as pessoas vivem suas vidas concretamente (Bezerra, 2024, p. 70). O método imanente do estudo dobra e se desdobra nos momentos reflexionantes das atividades do estudo imanente, nas atividades singulares do estudo. Atividades que valoram e valorizam as pessoas em formação, que se desdobram em quatro momentos, o primeiro momento proposto por Bezerra é nomeado por

momento da decomposição, recriação e reinvenção da geografia textual dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos, em estudo pelas pessoas em formação. Este é o momento do diálogo crítico-criativo. Nele os atores pedagógicos transformam os autores das geografias textuais de trabalhos acadêmicos e livros didáticos em interlocutores. Convertem os argumentos de autoridade desses interlocutores em argumentos questionáveis, cheios de lacunas e, por isso, criticáveis. Há um triplo objetivo neste procedimento, indissociáveis entre si: [1] provocar a familiaridade e a intimidade das pessoas em formação com o texto; [2] forjar a autoestima, o amor-próprio e a confiança intelectual dos atores pedagógicos e [3] fortalecer a autoridade intelectual das pessoas, em formação, frente aos escritores em estudo (Bezerra, 2024, p. 67).

Esse momento da teoria e método do estudo imanente tem como objetivo dialogar com os escritores e/ou autores de trabalhos acadêmicos e livros didáticos, com objetivo de reescrever, recriar e reconstruir a geografia textual destes materiais pedagógicos, assimilar e memorizar as suas linguagens e aderir aos regimes de verdade destas linguagens. Este momento do estudo tem como consequência a transformação dos autores-escritores em interlocutores e dos leitores-estudiosos em autores-escritores-efetivos (Bezerra, 2019a, p. 187).

Ainda sobre este momento, Bezerra (2019a) postula

O Diálogo Crítico-Criativo é a *pedra fundamental da formação de si*. O momento mais relevante da teoria e método do estudo imanente. É, sobretudo ele, entre os

outros momentos, que contribui para transfigurar atores pedagógicos em estudiosos. Além disso, é no Diálogo Crítico-Criativo que desterritorializamos as linguagens memorizadas e mentalizadas, que soberanamente habitam as nossas mentes, por novas linguagens, que são assimiladas nos estudos mais atuais, correntes, no momento presente. Além disso, é ele que gera intimidade e familiaridade dos leitores-estudiosos com as linguagens dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos, estudados. Ele aumenta a qualidade e quantidade dos vocábulos ou vocabulário dos atores pedagógicos. Amplia-se, com isso, o campo de percepção dos estudiosos. Também aprendemos no Diálogo Crítico-Criativo a arte de interrogar, de perguntar e de questionar. O mais relevante no Diálogo Crítico-Criativo é que ele tem o poder de transformar postulações verdadeiras em dúvidas; teses e axiomas em suspeição; e proposições postulares em questões: iluminando e promovendo, com tal postura crítica, novos debates teóricos ou recriando e abrindo debates em relação a temas, verdades e as tradições intelectuais, já estabelecidas, consagradas e sacramentadas. Em outros termos: o Diálogo Crítico-Criativo tem como finalidade abrir questões, reabrir conclusões e verdades consolidadas e teorias fechadas (Bezerra, 2019, p. 187).

Quando se busca, incessantemente, colocar no epicentro da nossa formação este momento, consegue-se abrir portas. Abrir janelas na geografia textual dos trabalhos acadêmicos para aquilo que tanto sonhamos como atores pedagógicos: criar e recriar literariamente as nossas mentes e memórias onde vivemos concretamente. É no diálogo crítico-criativo, postula Bezerra (2019a), que levantamos questões, inquiremos, perguntamos, problematizamos e abrimos o debate de temas já consagrados como verdade convencional e consensuada entre os estudiosos. Não deixando de pé crença sobre crença, opinião sobre opinião.

O estudioso acrescenta que é no calor do diálogo crítico-criativo que o giro reflexivo, movimento erospedagógico¹⁶ de rotação reflexionante, desponta, pela primeira vez, entre os momentos ou atividades do estudo imanente. Isto é, como trabalho/escrita de si, em si, por si e para si. Nele tem início o transbordamento da erospedagogia libertária do estudo imanente, que promove a formação de si e compromete e responsabiliza as pessoas em formação com a sua recriação como estudiosos.

Bezerra (2019 a) defende que

esse compromisso do estudioso com a formação de si exige, primeiro, que ele trabalhe e mantenha vivo e aceso o ser estudioso pelo estudo. Já aqui, no Diálogo Crítico-Criativo, primeiro momento da teoria e método do estudo imanente, que nos desfazemos da visão que pressupõe serem os escritores-autores-estudiosos “autoridades do saber”. Para tanto, é preciso reconstruir, pela escrita [libertária],

¹⁶ Refere-se a uma abordagem pedagógica que busca integrar o conceito de "eros" com a educação. "Eros" é um termo grego que originalmente se referia ao amor e ao desejo, mas, em um contexto mais amplo, pode ser associado ao impulso criativo, à paixão e ao desejo de crescimento e desenvolvimento pessoal. Portanto, a pedagogia erospedagógica se baseia na ideia de que a educação deve ir além do simples ato de transmitir conhecimento técnico ou factual. Ela enfatiza a importância de cultivar a paixão, o desejo e o engajamento dos atores pedagógicos no processo educativo. Em vez de uma abordagem mecânica, bancária e desapaixonada para o ensino, a erospedagogia propõe um ambiente de aprendizagem que inspire e motive os atores pedagógicos, incentivando uma conexão mais profunda com o conteúdo e com o próprio processo de formação de si.

as linguagens das ciências dos mundos do universo humano, deixadas como legado cultural pelo gênero humano, para serem devidamente reconstruídas pelas pessoas em formação no presente (Bezerra, 2019a, p. 189).

Nessa perspectiva, são as pessoas em formação, estudiosas, que atualizam as potências erospedagógicas na vontade de ser e viver livre no estudo. Este momento nos desvincula e nos ajuda a desapegar da ideia de que os argumentos apresentados pelos teóricos das ciências são simplesmente argumentos de autoridade e que devem ser aceitos sem questionamento, assumindo-se, com esta tese, que os leitores têm um papel passivo na escrita e no estudo. O diálogo crítico-criativo busca romper com essa abordagem, promovendo um envolvimento ativo e crítico, contrário a qualquer forma de passividade intelectual difundida pela cultura bancária.

O estudioso nomeia o segundo momento de mapa da geografia textual. Mapa ocupado por paisagens literárias e cartografias literárias. Nesse momento o autor sugere que identifiquemos e registremos as linguagens das ciências objetivas na cartografia das unidades significativas (categorias, conceitos, ideias, etc.), na cartografia das unidades epistemológicas ou complexos categoriais das ciências (objetivo, temas abordados, pressupostos, problemática, hipótese, postulados, axiomas, corolários e tese), na cartografia das questões norteadoras — presentes em todos os trabalhos acadêmicos e livros didáticos — na cartografia das palavras desconhecidas, na cartografia dos mnemônicos e na cartografia das equações literárias.

Os registros da escrita libertária dos estudos bibliográficos com o estudo imanente no caderno de estudo — escrituração que deve ser feita com paciência, cuidado, de maneira bem feita, atenciosa e sistemática — têm um objetivo: familiarizar as pessoas em formação com a linguagem e o vocabulário utilizados pelos escritores, a fim de compor as cartografias literárias e as paisagens literárias da geografia textual do trabalho acadêmico em estudo. Trabalho elaborado e publicado pelos autores-escritores (Bezerra, 2024a, 2019a).

No terceiro momento, diário do estudo autoetnográfico, autoanalítico e autocrítico se trabalha, objetivamente, no registro dos atos falhos gerados pelos momentos anteriores: imaginações, *insights*, intuições, associações com outras geografias textuais (elaboradas por outros autores), viagens mentais, momentos de desatenção e falta de concentração, dúvidas, dificuldades de entendimento, entre outros atos falhos. Esses atos falhos da escrita libertária no estudo imanente são dados e informações utilizadas na elaboração de autoanálise, autoetnografia e autocrítica do processo de personificação da forma social estudioso, e a conversão de si em escritor e, possivelmente, escritor-autor. Este estudo de si como pessoa

em formação, baseado na autoanálise, autoetnografia e autocrítica da formação de si, alcança a subjetividade e as disposições psicológicas provocadas pela escrita libertária nas atividades do estudo imanente.

Neste momento, Bezerra postula que no diário do estudo autoanalítico, autoetnográfico, autocrítico refletimos sobre

as linguagens e regimes de verdade, intrínsecos às formas sociais e às suas personificações. Sobre os efeitos destas nas nossas existências concretas. Se, ao personificarmos as formas sociais banalizamos nossas existências, alienamos os nossos produtos e coisificamos nossas pessoas, ou potencializamos a nossa liberdade e a nossa autonomia. O que ocorre no exercício espiritual do estudo imanente quando nos fazemos e nos tornamos outros de nós mesmos e por [nós próprios]: nossas vontades, empenhos e dedicações. O diário autoetnográfico sugere que efetueemos um mergulho dentro de nós, façamos uma introspecção, para descobrir nosso *eusociogeopsíquicoautêntico*. Isto é, quem somos nós como professores e estudantes em formação: relapsos com a formação de si ou estudiosos e valorizadores de nossa formação. O objetivo é nos conhecermos melhor e mais profundamente neste processo pedagógico onde ocorre em conflito aberto entre a formação de si e a formação mercantil. Formações que não temos como negar ou renunciar. Renunciá-las significa renunciar a vida social, praticar a morte em vida (Bezerra, 2023, p. 194).

Nesse sentido, o diário é um processo de investigação introspectiva, que nos convida a explorar nosso interior, nossas memórias mais pessoais e não reveladas. Em outras palavras: a explorar o inconsciente do ensino bancário, o estudo imanente. O inconsciente do ensino bancário é o estudo imanente e a alternativa ao ensino bancário da cultura bancária é o estudo imanente da cultura de si. É uma introspecção feita em nós mesmos, por nós mesmos e para nós mesmos, sem influência de pessoas e atores externos.

Nesse processo, a dinâmica da transferência psicanalítica é desfeita, invertendo-se as posições das autoridades na clínica psicanalista: o analisado converte-se em analista de si mesmo, apoiado e subsidiado pelo psicanalista.

O quarto momento da interpretação compreensiva é

Inspirado na teoria hermenêutica de Gadamer (1997). A teoria e método do estudo imanente, neste momento, trabalha a autoria, com o objetivo de os atores pedagógicos conquistarem a autonomia, a igualdade e a maioria intelectual. Conquistarem a autonomia de falar, argumentar, problematizar e escrever, sobre qualquer disciplina e seus conteúdos curriculares, com as próprias palavras. O que não é fácil! O falar e/ou escrever, com nossas próprias palavras, pressupõe o domínio de vocabulário, memória das linguagens das ciências e o domínio da escrita libertária. Essas capacidades cognitivas e intelectuais pressupõem “exercício espiritual” exaustivo, e durante um longo tempo (Bezerra, 2019a, p. 196).

Sugere-se a elaboração autoral de uma geografia textual, organizada da seguinte

forma: introdução, desenvolvimento e considerações finais. Essa forma de organizar a geografia textual segue uma tradição lógica, no âmbito da produção textual: expressar e expor os sentimentos e pensamentos teóricos, de forma oral ou verbal, em termos concisos, objetivos e organizados.

Porém, o autor chama a atenção para um elemento importante neste momento do método. Primeiro, neste exercício espiritual ou atividade de estudo é necessário ressaltar: inicialmente, não se trata de expor a compreensão, mas a interpretação da compreensão. O que significa fazer um diálogo conosco, utilizando a memória construída nos momentos anteriores. É diferente do diálogo com o autor ou escritor estudado, como acontece no diálogo crítico-criativo.

No momento da interpretação compreensiva, fazemos um diálogo de si para consigo. Opera-se, então, o que Bezerra chama de giro erospedagógico de rotação reflexionante, desencadeado pelo movimento reflexivo da escrita em si, por si e para si, erospedagógico, num movimento de rotação. Nessa perspectiva, a interpretação compreensiva é

uma forma de avaliarmos o estudo que realizamos nos momentos anteriores e a memória construída na elaboração dos registros. Avalia-se o quanto se conseguiu apropriar dos conteúdos socializados pelos trabalhos acadêmicos, livros didáticos e apostilas, estudados com a teoria e método do estudo imanente (Bezerra, 2023a, p.196).

Bezerra postula que, se no final do estudo imanente não conseguirmos fazer uma redação com introdução, desenvolvimento e considerações finais, é porque não concentramos nossa atenção devidamente e suficientemente no estudo (Bezerra, 2024a, 2023, 2022, 2019a). Acrescenta que não fomos rigorosos com o uso dos momentos ou atividades do estudo imanente ou deixamos de ser suficientemente atenciosos no estudo realizado nos três primeiros momentos do estudo imanente. Isto é, permitimos outras preocupações invadirem as atividades do estudo imanente nos três primeiros momentos; permitimos outras preocupações interferirem na apropriação dos conhecimentos e assimilação das linguagens das ciências. Se isso ocorrer, sugere-se que devemos estudar uma outra vez o texto em questão, acrescenta Bezerra (2019a).

O autor não conceitua as categorias estudo e escrita como os autores que tivemos a oportunidade de analisar no capítulo em que fizemos uma breve revisão bibliográfica da categoria escrita. Nesta revisão constatamos que apenas Percival associou a categoria escrita à categoria estudo, mas o próprio Percival tem uma perspectiva bancária do estudo; em sua compreensão, o estudo pode ser ensinado pelo professor. Diferente e ao contrário daqueles

autores, Bezerra apresenta quatro momentos em que podemos nos exercitar na escrita libertária, que metaboliza e dinamiza o estudo imanente.

E há uma especificidade no exercício desta escrita, nesses momentos, que convém destacar e enfatizar: neles trabalhamos o cuidado de si e ocupamo-nos conosco pela escrita libertária e pelo estudo imanente. E, nessa dinâmica, conhecemo-nos melhor e de forma mais profunda, assim como nossas pessoas em formação. Nesta singular escrita libertária no estudo imanente, tudo isso ocorre simultaneamente.

As postulações de Bezerra (2024a, 2023, 2022, 2019a) convergem e dialogam com as teses de Hyland (2013, p.53) sobre a escrita. Para ele a escrita não está dissociada da formação humana. Para Hyland “somos o que escrevemos”. Logo, há modos distintos de ser porque há diversas maneiras de escrever. Cada pessoa em formação, ainda que sejam gêmeas, escreve de forma distinta e possuem singularidades exclusivas. Não são as diferentes disciplinas e áreas do conhecimento que diferenciam cada pessoa em formação, mas o modo como estudam, escrevem, testemunham e arquivam os seus estudos. Certamente as atividades do estudo, de escrituração e arquivo do que foi escriturado dependem da alfabetização acadêmica, mas também da cultura hegemônica na sociedade e na civilização. Mas não há dúvida sobre a importância da escrituração e arquivo das atividades do estudo; eles se fazem essenciais para que compreendamos mais profundamente sobre a arte de viver do estudo.

Isso posto, ressalta-se a importância em arquivar a escrituração dos estudos realizados pelas pessoas em formação, para que possamos estudá-las, objetivando nos qualificar e sermos consequentes na intervenção da escrita e no estudo, com o intuito de aprimorar um e outro. Procedimentos semelhantes a este poderão contribuir para aprimorar a escrita acadêmica de trabalhos acadêmicos, mas pensamos que a teoria e método do estudo imanente e a escrita libertária no estudo imanente de trabalhos acadêmicos e livros didáticos, já podem auxiliar-nos em estudos exploratórios e observações *in loco* sobre como se processam, concretamente, a escrita e o estudo em escolas e em universidades. Nessa linha de proposições, já sabemos que o objeto de tais estudos não deve ocorrer no ensino, no ambiente das salas de aula, nem no estudo em escala coletiva, durante a hora-aula, mas sim no estudo em escala individual, nas bibliotecas ou ambientes de estudos improvisados nas residências das pessoas em formação.

4. ESCREVER NO FUROR DAS POTÊNCIAS LIBERTÁRIAS DA ESCRITA DE SI, EM SI, POR SI E PARA SI, NO ESTUDO IMANENTE DAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Não podemos escrever sem a força do corpo
(Escrever, p. 34).*

*A escrita chega como vento, é nua, é de tinta,
é a escrita, e passa como nada mais passa na
vida, nada mais, exceto ela, a vida (Escrever,
p. 64).*

(Marguerite Duras)

*Se não se espera o inesperado não se o
encontrará.*

(Heráclito, fr. 11)

Estamos diante de uma novidade incandescente como brasa. Combustível que nos move desde 2017 e parece que nunca deixa de ser novidade, de nos queimar por dentro, de provocar sentimentos e prazeres infinitos em nossos corpos e em nossas almas. O que nos impressiona bastante é que, volta e meia, ela nos tira dos eixos que fazem correr a vida. Ela nos desencarrilha como os trens desencarrilham dos trilhos.

Temos uma compreensão própria do que seja pedagogia. Pedagogia é potência, é energia, é a química que move a curiosidade epistemológica dos humanos. Intuímos, desta forma, que há uma potência libertária no processo formativo e que é a esta potência que atribuímos o nome pedagogia. Postulamos que o método do estudo imanente é portador desta potência pedagógica libertária.

A partir dessas noções básicas, as vidas dos participantes do Grupo de Estudo Sociologia do Trabalho Pedagógico, Currículo e Formação Humana, sofreram grandes transformações.

É que o fundamento ontológico do método do estudo imanente é a escrita exhaustiva. Escrevendo formamos a nós mesmos, fazemos a formação de si. Em seus quatro momentos,

o método criou as condições necessárias para a formação de si acontecer e nós podermos analisar o processo pedagógico que provoca o metabolismo e a metamorfose desta formação. Se esta formação se realiza na escrita, é na escrita dos formandos e formadores que podemos analisar a totalidade complexa desse acontecimento.

O método do estudo imanente foi elaborado tendo em vista esse triplo propósito: superar o analfabetismo acadêmico, contribuir para formar escritores e autores e estudar como esse processo ocorre. O objeto deste estudo é o estudo bibliográfico com o método do estudo imanente. É nesse estudo que vivenciamos as potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na escrita do método do estudo imanente ou, simplesmente, escrita imanente. Neste tipo de estudo, com esse método, vivemos a escrita tanto como um exercício espiritual quanto como uma arte literária.

Mais importante. Os momentos do estudo imanente: [1] recomposição e reinvenção da geografia textual dos trabalhos acadêmicos, escriturada no momento diálogo crítico-criativo; [2] decomposição das cartografias literárias da geografia textual dos trabalhos acadêmicos, escriturada no momento mapa da geografia textual; [3] composição autoral de geografia textual, organizada em introdução, desenvolvimento e considerações finais, escriturada no momento interpretação compreensiva; e a [4] escrituração dos efeitos subjetivos e psicológicos, provocados pelos momentos anteriores, no diário do estudo autoetnográfico, autocrítico e autoanalítico.

São esses momentos que têm o poder de provocar o giro-pedagógico-reflexivo-libertário ou rotação e giro erospedagógico de si para consigo, de si sobre si, de nós em nós mesmos, corroborando para tomada de consciência desse processo pedagógico. Mas também há a consciência da percepção de si na transfiguração das pessoas em estudiosas. Essa transfiguração é relativa ao valor ético, estético, político e moral, à valorização econômica e ao enriquecimento.

O suporte de um e outro, do valorar e do valorizar, é o corpo dos formandos e formadores, que elaboram o estudo imanente das referências bibliográficas.

O exercício espiritual, exaustivo, dos estudos bibliográficos com o método do estudo imanente nos calejou. Possibilitou-nos assumir o governo soberano de nossos destinos e de nossas existências: o governo de si, de nossas vidas (ao menos isso). E isto desde os espaçosvivos onde se estuda concretamente, em escala individual. O estudo se converteu em modo de vida. E, como tal, nos converteu em estudiosos.

Foram muitos os motivos e as razões que nos levaram a elevar a categoria estudo à objeto de estudo (o primeiro capítulo esclarece esse ponto), mas no correr dos estudos,

pesquisas e reflexões sobre o estudo imanente, as nossas constantes reelaborações da teoria e método do estudo foi nos deslocando e nos conduzindo para estudá-lo desde a filosofia clássica. Muitos autores nos orientaram nesse deslocamento: Rodrigo Ventura (2013, 2008), Michel Onfray (2019, 2017, 2001, 1995), Pierre Hadot (2019, 2016, 2014) e Michel Foucault (2019, 2016, 2014, 1982). E foi com estas orientações que nos deparamos com a categoria estudo, portadora da maiêutica-aporética de Sócrates.

Para nós, Sócrates inventou o estudo quando postulou conscientemente: “sei que nada sei”. E para saber, postulamos, é necessário estudar. Óbvio que existiram muitos estudiosos antes de Sócrates, mas poucos com a consciência clara das potências libertárias do estudo, do modo de existência estudo. Embora possamos afirmar, de uma maneira mais ampla, que ele seja fruto da cultura de si (Foucault, 2019, 1982).

Os momentos e as atividades que esclarecem que o estudo se materializa nas atividades da escrita e da leitura não deixam dúvidas sobre a prioridade ontológica da escrita. Não é por acaso que foi a escrita e não a leitura que foi reconhecida como exercício espiritual, técnica de si e cuidado de si.

Então, em função da sua importância ontológica para o estudo imanente, a escrita passou a atormentar nossos juízos, desde essa tomada de consciência. Praticamente interrompeu a nossa paz celestial, com a expectativa que conquistaríamos a “tranquilidade da alma” mediados pelas potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na reescrita e recriação imanente de trabalhos acadêmicos e livros didáticos.

Com estas preocupações e curiosidades, a escrita virou uma febre em nossas vidas. Não conseguimos mais nos desapegar, distanciar e afastar dos seus encantos e efeitos. Talvez porque a escrita nos faça viajar sem tirar os pés da terra e os olhos dos livros e cadernos. Afinal, escreve-se com a inteligência humana e a ponta do lápis no espaço da folha em branco do papel pautado, nos cadernos de estudos e, simultaneamente, nos espaços vivos do corpo: na alma, na mente e na memória, depois digitamos tudo no notebook. Neste trabalho de escrever, digitar e corrigir; escrever, digitar e corrigir; escrever, digitar e corrigir; trocentas vezes, exaustivamente, passamos a criar, a intuir e a imaginar, com a mente no corpo, mil coisas, e sentimos até que somos livres no exercício espiritual da arte literária da escrita de si, em si, por si e para si.

O método do estudo imanente não é outra coisa que um motivo para escrever em si, por si e para si e, nesta escrita singular, podermos nos reinventar em outro ser diferente de nossas pessoas com nome próprio: em escritor e/ou autor. Escritor/autor é uma subjetividade específica que se encarna no corpo e com quem nossas pessoas podem se identificar.

Para tanto, é necessário escrever com boa vontade, com cuidado, lentamente, escrever bem, com objetivo de recriar, com autonomia e aprimorar a escrita de si, por meio do diálogo crítico-criativo com os autores de trabalhos acadêmicos e livros didáticos. O propósito do estudo imanente é reinventar o que já está inventado nos trabalhos acadêmicos. Reescrever, quantas vezes for necessário — conscientes de que nunca será — o que já está escrito.

O método do estudo imanente, com a escrita de si, em si, por si e para si reabre toda e qualquer conclusão testemunhada por um escritor e/ou autor. O que para estes já está fechado e concluído, para o estudo imanente é inacabado, é uma porta de entrada para o mundo exterior e interior do corpo percipiente, senciente e reflexionante. Tudo está aí para ser redescoberto, reanalisado e compreendido de outra forma. O estudo e a escrita são exercícios espirituais e indissociáveis, porque não há como fazer um e outro separados, mas somente juntos.

O que escritores e/ou autores consideram acabado a reescrita, recomposição e recriação do estudo imanente dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos torna inacabado. A conclusão para muitos é apenas o início de um novo começo para a reescrita e recomposição do estudo imanente. Toda literatura é possível de ser reliteraturalizada pelo estudo imanente e pela escrita de si, em si, por si e para si. Estudo e escrita são exercícios espirituais necessários às existências humanas. Toda ciência é passível de ser revista, testemunhada de diferentes formas e infinitas vezes, reescrita infinitamente. O método do estudo imanente e a sua forma singular de escrita de si, em si, por si e para si não deixam pedra sobre pedra. Não deixa qualquer geografia textual de trabalho acadêmico e livro didático de pé.

O estudo imanente e a escrita de si, em si, por si e para si é uma forma de lavrar com a ponta do lápis a Gaia, a Mãe-Terra, da geografia textual.

Além de contribuir para aprimorar o estudo bibliográfico com o método do estudo e, nisto, contribuir para formação de jovens pesquisadores; é a vida do mundo interior do estudioso que é vibrada e emocionada com o estudo imanente e a escrita de si, em si, por si e para si. Ninguém melhor do que o próprio elaborador do estudo bibliográfico para descrever e estudar estas vibrações e emoções que ocorrem no interior de seus corpos, na alma de seu psiquismo, na consciência de si, em si, por si e para si, na arte de viver da reescrita e recomposição de trabalhos acadêmicos e livros didáticos pelo estudo imanente.

O estudo bibliográfico com o estudo imanente — concretizado com as potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si — revelado no estudo da interioridade da formação de si dos atores pedagógicos, realiza-se nos quatro momentos indicados nos

ensaios anteriores: no diálogo crítico-criativo, no mapa da geografia textual, na interpretação compreensiva e no diário do estudo autoetnográfico, autocrítico, autoanalítico.

Os efeitos desses momentos do estudo em escala pessoal e em escala coletiva, em nossos corpos e almas, são semelhantes aos efeitos da ayahuasca; provoca sensações e imaginações espirituais em abundância, produz uma sensação semelhante às produzida pelas imagens de um caleidoscópio, em termos de combinações de infinitas imagens e paisagens estéticas. Não há um estudo bibliográfico que se assemelhe a qualquer outro estudo bibliográfico passado ou futuro.

A reescrita, recomposição e a reinvenção dos trabalhos acadêmicos e dos livros didáticos movimentam os espaços vivos do corpo: alma, mente e memória, toda interioridade humana e apenas escrevendo com a inteligência humana e a ponta do lápis no espaço da folha em branco do papel pautado, nos cadernos de estudos e, simultaneamente, nos espaços vivos do corpo — na alma, na mente e na memória. E fazendo esse exercício sempre mais de uma vez. Porque neste trabalho literário ou exercício de literaturalização e reinvenção da geografia textual, trabalhamos na interioridade humana e no aparelho psíquico. Trabalho que é portador de muitas potências, despertadas e agitadas na recriação das geografias textuais, dos trabalhos acadêmicos em estudo.

Mas a música e os ritmos das linguagens literárias acadêmicas, que circulam curricularmente em escolas e universidades, e que embalam nossos corpos e almas, é singular às percepções e aos sentidos humanos.

Para garantir a continuidade dos efeitos do estudo imanente como técnica de si, de forma profunda — não apenas em escala pessoal, mas também social — o método, obviamente, teria que ser acoplado a esta atividade humana sensível, necessária e cotidiana: a escrita imanente à vida.

Ora, todas as sociedades complexas, com suas linguagens e correspondentes regimes de verdade, obrigam-nos, constroem e coagem, a todos nós, de alguma forma, a estudar escrevendo.

Ainda que não frequentemos escolas e universidades, as sociedades complexas, como as sociedades das profissões, estão condenadas a desenvolver nas pessoas esta capacidade intelectual mínima, de escrever e ler. Mas com esta capacidade vem junto a possibilidade de despertar a vontade de nos libertarmos de nossa própria barbárie e bestialização. Porque, quanto mais sabemos mais desejamos saber e, por isso, perguntar. Eis o inesperado¹⁷ que

¹⁷ “Se não se espera o inesperado não se o encontrará” (Heráclito, fr., 11).

pode ocorrer com qualquer pessoa que ingresse na civilização. Caso contrário, a barbárie toma nossos corpos para si e nos bestializa.

Os momentos do método do estudo imanente mobilizam a escrita de si de forma regular e sistemática. Eles instauram o inesperado nos currículos bancários. Esperamos [nos deparar com] o inesperado, esclarecendo que o ato de escrever não é um ato como outro qualquer, mas a intervenção das potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente. Esta escrita liberta a arte literária da furtividade, da efemeridade, da banalidade e da contingência. Tal como se encontra hoje, na contemporaneidade, a cultura bancária, reproduzida e territorializada, sociometabolicamente, nas instituições de ensino, administradas pelos sistemas nacionais de ensino bancário.

As potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si, na escrita imanente, dão à arte literária — mesmo quando se trata do gênero acadêmico comprometido com a formação dos atores pedagógicos — outro valor, no duplo sentido de valorar e valorizar a escrita acadêmica nos processos pedagógicos.

Se esta novidade atribuída por nós às potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos¹⁸ é ainda desdenhada e pouco estudada, é porque a escrita sistemática da arte literária, escolar e acadêmica ainda é imperceptível aos sentidos dos estudiosos que têm como objeto o estudo interdisciplinar dos efeitos da arte literária ou da arte de escrever no campo das humanidades: Pedagogia, Antropologia, Arqueologia, Economia Política, Sociologia, Filosofia e Geografia da escrita.

A análise teórica da presença da cultura de si na escrita imanente dos estudos bibliográficos, hoje, pode tornar visível este fenômeno tão presente na arte literária feita pelos gregos e helenistas.

Se, a princípio, tal arte parece tão simples, tão banal, tão desnecessária à existência material e espiritual na modernidade, é porque essa impressão vive sob os grilhões da cultura bancária, que tem por natureza ocultar, recalcar e segregar as potências pedagógicas libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente — esta cultivada no âmbito da cultura de si como forma de cuidar de si, ocupar-se consigo, técnica de si, *áskesis*, trabalho de si, em si, por se e para si, exercício espiritual.

Sabemos das dificuldades de definir a escrita de si, em si, por si e para si hoje, na

¹⁸ O inesperado vislumbrado na realidade da escrita de si nos estudos bibliográficos com o método do estudo imanente.

perspectivava da cultura de si; é necessário perceber e descrever como ela age na escrita imanente dos estudos bibliográficos de trabalhos acadêmicos e livros didáticos. Analisar seus efeitos na formação de si dos atores pedagógicos, sobretudo na interioridade do corpo desses atores, ressaltando os aspectos psicanalíticos e psicológicos. Mas temos uma pista e um rastro: analisar as potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos. Esse objeto de estudo é o canal e a abertura para compreendermos o problema da emancipação humana nas intervenções das potências da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente dos estudos bibliográficos, que incide na formação de si referenciada na formação humana.

Iniciamos a construção deste conceito na segunda década do século XXI. E o que descobrimos neste percurso? Que escrever é viver, escrever move as potências libertárias da interioridade humana. Talvez o ato de escrever (e os atos das artes de viver), em geral, seja o único ato que permita às pessoas se reapropriarem do tempo livre expropriado pelo tempo de produção da mais-valia pelo capital. A conquista das potências libertárias da escrita de si, em si, por si e para si, na escrita imanente, implica, ao mesmo tempo, na conquista da liberdade e da alegria de escrever, de ser e se sentir escritor e de ser e se sentir autor, de valorar e de valorizar a escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente. Numa perspectiva mais ampla, esse ser e sentir-se autor e/ou escritor fortalece a autenticidade humana de ser, em si, estudioso ou estudiosa.

Descobrimos que a escrita de si, em si, por si e para si, na escrita imanente, abriga as forças do inesperado: de repente uma nova imaginação, um *insight*, uma intuição improvável, uma associação inesperada. Assim vivem os estudiosos e escritores. Descobrimos que nas atividades do estudo transcorrem nossas existências; que nos fluxos da vida encontram-se, em potência, espaçosvivos para o vivo fluxo da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente; que a escrita é atividade humana sensível; que o fluxo da escrita movimenta as potências libertárias da interioridade humana, como a curiosidade epistemológica. Enfim, que a atividade humana sensível desta escrita atua, age, intervém no ser e no existir humano; que esta escrita singular é uma conquista da política de si no estudo imanente.

A escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente materializa a arte literária de viver no estudo. Ela tece os sentidos e as percepções dos atores pedagógicos, os afetos e as emoções dessas pessoas-atores, os seus sentimentos, as suas pulsões e as inspirações desses seres. E isto apenas com o metabolismo e a metamorfose provocados pela película categorial palavramentemundo. As potências da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente

fazem tricô com as potências libertárias que pulsam na interioridade do corpo.

Agindo no complexo categorial das palavrasmentesmundos, as potências da escrita de si, em si, por si e para si, na escrita imanente, têm a capacidade de provocar um vulcão de explosões interiores, o poder de despertar as potências humanas que vivem nas entranhas dos nossos corpos, na alma, presentes na interioridade de todos nós.

Há uma magia nesta escrita de si, em si, por si e para si que, apesar de poder senti-la, ainda não sabemos explicá-la. Pensamos ser a presença da magia de toda arte de viver. Escrever desta forma é fazer e praticar atividade artesanal, uma forma de tecer nossos corpos e almas nos estudos bibliográficos que todos os formandos e formadores são obrigados a fazer em escolas e universidades.

As potências da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente dão luz a um espaço vivo bem singular, que se faz presente na recomposição, decomposição e composição autoral da geografia textual e de suas paisagens e cartografias literárias.

O grupo de estudo já conseguiu identificar algumas cartografias literárias do mapa da geografia textual dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos: a cartografia literária das unidades elementares ou significativas; a cartografia literária das unidades epistemológicas; a cartografia literária das palavras desconhecidas; a cartografia literária das questões norteadoras, a cartografia literária dos mnemônicos e a cartografia literária das equações literárias.

Mas há muitas outras cartografias, em outros mapas geográficos textuais, em diversos outros trabalhos acadêmicos e livros didáticos, que ainda se encontram invisíveis aos nossos olhos e percepções. Esta trama dos espaços vivos da geografia textual é uma trama inacabável. Talvez só um bom geógrafo textual, um bom cartógrafo literário com potências analíticas, percepções e sentidos humanos aprimorados — no estudo bibliográfico dos gêneros literários acadêmicos —, despertados no trabalho de literaturalizar os mundos do universo humano, seja capaz de identificar e descrever essas novas cartografias e paisagens literárias, que aguardam para serem descobertas e ganhar vida pública à luz do dia.

Sabemos apenas que essa capacidade é forjada no processo pedagógico de recriação e reescrita sistemática das referências bibliográficas, nos-e-pelos momentos ou atividades do estudo imanente, que têm o poder de reliteraturalizar e reterritorializar a memória e a mente com novas linguagens e vocabulários. Este metabolismo provoca no exaustivo, lento, profundo e perspicaz exercício espiritual do estudo imanente, a metamorfose categorial (do ser) palvramentemundo. Eis o inesperado no currículo bancário.

Nesta nossa busca arqueológica, nesta nossa escavação literária dos estudos

bibliográficos para encontrar algo que se aproxime do sentido dessa nossa perspectiva de escrita de si, em si, por si e para si, na escrita imanente, encontramos tesouros. Um desses é o livro organizado por Linhares e Ribetto (2016). Trata-se da coletânea *Uma Escrita Acadêmica Outra*. O tesouro é partilhado conosco logo na entrada do livro, na sala de visita: no prefácio da coletânea organizada por Célia. Notem que o que estou compartilhando é uma escrita feminista da escrita.

Vamos ao diálogo crítico-criativo do texto.

Célia Linhares começa com um aforismo de Pablo Neruda, o mago da poesia chilena. Neruda aponta: “Escrever é fácil. Você começa com maiúscula e termina com um ponto final. No meio coloca ideias”.

Provocada pelo aforismo de Neruda, Célia Linhares (2016) expõe, no prefácio intitulado *Escrever e viver: estranhamentos e entranhamentos recíprocos*, algumas ideias sobre a escrita.

Se há um fascínio que aprecio no exercício da escrita é essa indefinível atração para *transfigurar a vida*, expandindo e deslocando fluxos de pensamento, em uma produção existencial e coletiva. Se esses movimentos¹⁹ não desprezam heranças, tidas por muitos como perdidas, eles também não correm atrás de respostas certas, capazes de ir matando minutos, horas e dias, por buscarem, principalmente, nas entrepalavras e entrelinhas, o que mais faísca, como perplexidades e perguntas, acendendo *a mais importante das artes: a de viver, recriando-nos e recriando a vida em interligações viscerais*, sempre efêmeras e incessantes, *sempre potentes para nos destruir*²⁰, *sem eliminar a possibilidade de nos propor recomeços*.

Importa ressaltar que esses intervalos e questões que levantam poeiras e instalam desassossegos e esperanças não deixam acomodar as equações e as respostas silogísticas e tranquilizadoras. Pelo contrário, uma vez postas em movimento, essas interpelações à vida, à linguagem e à formação desconhecem os caminhos de retorno às quietudes de um ponto final, e tanto podem elevar-se espiraladas nas existências, como se perder nos desertos arenosos do trabalho alienado; ou, mesmo, em um momento qualquer, sem escândalos, se fixar em reminiscências infinitas e perder-se na escavação arqueológica que busca a origem dessas potências da escrita:

- O que é então escrever?
- Como escrever sem permitir nos deixarmos acimentar pelos padrões da escrita acadêmica?²¹
- *Como potencializar a vida e sua capacidade de diferir e criar enquanto pensamos, conversamos, escrevemos, vivemos?*
- Será que é tão fácil assim escrever, como nos diz o poeta chileno, aqui epígrafado? (p. 7).

Uma coisa é certa: só conseguiremos responder todas estas questões fazendo da escrita

¹⁹ A escrita de si na escrita imanente dos estudos bibliográficos se inscreve e se escreve nestes movimentos.

²⁰ Se, por acaso, for totalmente “destruído”, destrói-se, junto, o fluxo da vida.

²¹ Como escrever sem permitir que a escrita acadêmica petrifique a poesia da vida, as paixões e emoções que nos mobilizam e nos tiram do sério burocratizado? Como potencializar a vida e as potências pedagógicas que a singularizam e a recriam, enquanto pensamos, conversamos, escrevemos e vivemos?

de si, em si, por si e para si arte de viver e modo de vida. Como fazê-lo? Nos estudos bibliográficos com o método do estudo imanente. Que por enquanto é apenas um projeto que não deve ser desprezado e descartado. Além dele, há o fichamento, o resumo e a resenha crítica utilizados como procedimento para realizar estudos bibliográficos. Comprovadamente ineptos e inadequados para esta reinvenção de si por meio da escrita de si, em si, por se e para si (Bianchetti; Machado, 2012).

E não deve ser descartado por diversas razões. Mas nos limitaremos a indicar apenas uma: a intervenção das potências da escrita de si, em si, por si e para si na escrita imanente de estudos bibliográficos introduz a lentidão e a ruminação necessárias à reinvenção e à recriação de uma reescrita bem-feita, atenta e caprichosa dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos. Estes são princípios metodológicos importantes para demolir a subjetividade forjada pela cultura bancária, o currículo bancário e a pedagogia bancária. Portanto, a escrita de si na escrita imanente é uma possibilidade de trabalhar em si, por si e para si objetivando forjar subjetividades referenciadas na pedagogia libertária e na escrita libertária, contra o domínio e a hegemonia da escrita bancária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho de pesquisa foi assinalada uma discussão acerca de uma série de aspectos relevantes sobre a importância e o significado da escrita, bem como sobre diferentes perspectivas teóricas e práticas relacionadas a essa atividade. Apresentamos visões de diversos autores sobre a escrita, desde sua função como instrumento de comunicação até seu papel na formação humana e na construção do conhecimento.

Nessa linha de proposições, ao citarmos Barthes, Machado, Marques e outros estudiosos, apresentamos perspectivas sobre a escrita, abordando temas como sua relação com a linguagem falada, sua capacidade de ordenar o pensamento e sua importância para a cultura e a organização social. Isso enriquece a discussão ao apresentar diferentes facetas do significado e da utilidade da escrita. Entretanto, percebe-se que há uma ausência de uma abordagem mais pragmática sobre como superar as dificuldades na escrita, especialmente no contexto acadêmico das discussões propostas por estes estudiosos.

Todavia, o estudioso Bezerra (2019 a, b, c) menciona a necessidade de desenvolver habilidades de escrita e expõe um método intitulado estudo imanente. Assim, Bezerra detalha de forma clara e concreta como esse método pode ser aplicado na prática ou como os estudantes podem efetivamente aprimorar suas habilidades de escrita.

Diante do exposto, permitam-me compartilhar minhas experiências mediadas pelo grupo de estudo e pelo método do estudo imanente. Experiências que são frutos de uma estudante que almejava ser escritora e publicar artigos; entretanto, quando dada a missão, não havia êxito, pois estudar — e, principalmente, desenvolver a escrita — requeria (ou melhor, requer) não só dedicação, mas organização, disciplina e um método que a direcione.

Então o curso de Pedagogia foi bem desafiador, pois, diante das demandas do trabalho, havia a necessidade de se sobressair nas inúmeras demandas da faculdade. Sem saída, sem sucesso, sem escrita, conheci o grupo de estudo coordenado pelo professor doutor Ciro Bezerra, que, diante das minhas dificuldades, me acolheu e me apresentou o método — não foi milagre, mas a salvação para aquilo que almejo, escrever. Minha primeira experiência — no que concerne a extrapolar os muros acadêmicos — foi meu primeiro artigo publicado na 70ª Reunião Anual da SBPC-Educação. Como já estava trabalhando em uma escola e colocando em prática o método, resolvi escrever sobre uma das minhas experiências com os estudantes. Escrevemos e apresentamos o artigo intitulado: *Língua portuguesa: promoção da estética por meio da leitura imanente de textos filosóficos*.

O mais rico de tudo isso foi perceber que estava escrevendo algo, não pronto e acabado, mas já engatinhado na escrita. Apresentamos nossa produção para muitas pessoas, mas o mais interessante foi apresentar para os professores de Irecê-BA, que vieram prestigiar nosso trabalho. Tínhamos recentemente os visitado, foi também minha primeira experiência fora do estado de Alagoas. Lá em Irecê, conhecemos um professor que estava colocando em prática o método para os estudantes do Instituto Federal. Recordo que foi um momento mágico, pois pude expor meus avanços enquanto estudante.

Conseguimos escrever outros artigos e apresentá-los em outros congressos nos estados de Pernambuco, Fortaleza e Maranhão. O mais significativo de tudo isso era ver o grupo de estudo escrevendo, estudando e, acima de tudo, sendo amigos: um colaborando com o trabalho do outro. Nunca foi fácil, pois estudar e escrever são tarefas árduas, que requerem persistência e tempo (livre). Porém, quando se conhece o caminho e como caminhar, a jornada se torna mais fácil.

O que é mais incrível é que as pessoas estudiosas sentem em seus corpos esse metabolismo ocorrer, agir, mexer. Sentem-se protagonistas destas transformações e podem testemunhar, por si mesmas, sobre o que estão provocando em si, mediadas pelo estudo. E porque tiveram a coragem de reorganizar as suas vidas, para se darem o direito e a liberdade de se ocuparem com as atividades do estudo. As pessoas se emocionam no estudo, sentem-se afetadas em serem transformadas por si mesmas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, R. **O império dos signos**. Tradução de Sérgio Tellaroli. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.
- BEZERRA, C. **Conhecimento, riqueza e política: um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci**. Maceió: Edufal, 2009.
- BEZERRA, C. **Estudo & subversão**. Brasil: Gepstufal, 2022. BEZERRA, C. **Estudo e virtude**. Maceió: Grafmarques, 2019b. v. II.
- BEZERRA, C. **Medida viva do fogo: teoria e método do estudo imanente**. Brasil: Gepstufal, 2023.
- BEZERRA, C. **Negação do estudo às populações condenadas ao trabalho forçado**. Brasil: Gepstufal, 2024.
- BEZERRA, C. **Potências libertárias do estudo imanente**. Relatório de Pós-Doutoramento em Filosofia da Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2022.
- BEZERRA, C. **Professores desacorrentados na-e-da cé(lu)la de aula: estudo imanente – um método para resistir e emancipar**. Maceió: Edufal, 2019c.
- BEZERRA, C. **Sociologia do trabalho pedagógico e formação humana: crítica à economia política do trabalho pedagógico**. Maceió: Grafmarques, 2019a. v. I.
- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BRITO, L. P. L. **Letramento no Brasil**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2015. DURAS, M. **Escrita**. São Paulo: Relicário, 2021.
- EPICURO. **Cartas de Epicuro: sobre a felicidade, sobre os fenômenos celestes, sobre a filosofia da natureza**. São Paulo: Edipro, 2021.
- EPICURO. **Texto integral**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019. v. 3.
- FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- FREIRE, P. **A ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora de Autores Associados; Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FOUCAULT, M. **Dizer a verdade sobre si**. São Paulo: Ubu, 1982.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIORDANO, I.; CONTI, L. **O tornar-se sujeito na relação com o texto**. Artigo resultado de uma pesquisa na Universidade Federal de Pernambuco, no curso de Psicologia, 2012.
- HADOT, P. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HADOT, P. **Filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jannie Carlier e Arnold I. Davidson**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- HADOT, P. **O que é filosofia antiga?** 6. ed., 2. reimpr. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- HYLAND, K. **Writing in the university: education, knowledge and reputation**. *Language Teaching*, v. 46, n. 1, p. 53–70, jan. 2013.
- LINHARES, C.; RIBETTO, A. (org.). **Publicar & morrer!? Análise do impacto das políticas de pesquisa e pós-graduação na constituição do tempo de trabalho dos investigadores**. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, n. 28, p. 53–69, 2009.

- LINHARES, C.; RIBETTO, A. (org.). **Trabalho docente stricto sensu: publicar ou morrer?!** In: FIDALGO, F.; OLIVEIRA, M. A. M.; FIDALGO, N. L. R. (org.). *A intensificação do trabalho docente*. Campinas: Papirus, 2009. p. 49–89.
- LINHARES, C.; RIBETTO, A. (org.). **Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.
- MACHADO, A. R. **O diário de leituras**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Prefácio, p. XV–XXV).
- MACHADO, A. R.; COLABORADORAS. **Linguagem e educação – o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.
- SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed., 49. reimpr. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2009. (Aquarelas do autor).
- VENTURA, R. C. **A estética da existência: Foucault e psicanálise**. *Revista Cógito*, Salvador, n. 9, p. 64–66, out. 2008.
- VENTURA, R. C. **A psicanálise e o cuidado de si: entre a sujeição e a liberdade**. 2013. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013.